

An aerial night photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a dense network of lights and buildings. The lights are reflected on a body of water, creating a shimmering effect. The overall color palette is dominated by warm, golden-yellow and brown tones, with bright white and blue highlights from the city lights.

O QUINTAL QUE CHAMAMOS BREJO:
aprendizados de cuidado com o rio peruaçu

aline furtado franceschini

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Aline Furtado Franceschini

O quintal que chamamos brejo: aprendizados de cuidado com o Rio Peruaçu

Belo Horizonte
2023

O quintal que chamamos brejo: aprendizados de cuidado com o Rio Peruaçu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço

Orientadora: Renata Moreira Marquez

FICHA CATALOGRÁFICA

F815q

Franceschini, Aline Furtado.

O quintal que chamamos brejo [recurso eletrônico] : aprendizados de cuidado com o Rio Peruaçu / Aline Furtado Franceschini. - 2023.

1 recurso online (131 p. : il.).

Orientadora: Renata Moreira Marquez

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Planejamento urbano - Teses. 2. Peruaçu, Rio (MG) - Teses. 3. Belo Horizonte (MG) - Teses. I. Marquez, Renata Moreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. VI. Título.

CDD 720.47

Ficha catalográfica: elaborada por Fernanda Pereira - CRB 6/2927




FOLHA DE APROVAÇÃO

O quintal que chamamos brejo: aprendizados de cuidado com o rio Peruaçu


ALINE FURTADO FRANCESCHINI

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.


Aprovada em 19 de outubro de 2023, pela Comissão constituída pelos membros:

Documento assinado digitalmente
 **RENATA MOREIRA MARQUEZ**
Data: 20/10/2023 00:32:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Renata Moreira Marquez - Orientadora
EA-UFMG

Documento assinado digitalmente
 **PRISCILA MESQUITA MUSA**
Data: 20/10/2023 16:23:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Priscila Mesquita Musa
EA-UFMG

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE GUIMARAES BRAZIL**
Data: 31/10/2023 08:34:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Guimarães Brasil
FAFICH-UFMG

Documento assinado digitalmente
 **ALANA MORAES DE SOUZA**
Data: 08/11/2023 21:25:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alana Moraes
UFRJ

Belo Horizonte, 19 de outubro de 2023.

À todas as vidas que cuidam.

E àquelas que mantêm a coragem de cuidar de mim, apesar de mim.

Abraço e agradeço.

[capa] Detalhe. Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2023.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Não quero aprender a ficar sozinha, mas quero aprender a viver em uma relação, em relações.
O mundo deve ser habitado, e uma das suas habitantes sou eu e todas as demais.
E todas somos essas fissuras também.”

Brigitte Vasallo

RESUMO

As águas e os rios, além de definidores da ocupação nos territórios, são também um importante eixo de mobilização e de transmissão de saberes. São territórios em disputa, constantemente ameaçados pelos interesses do capital e pela catástrofe ambiental em curso. Também, onde múltiplas formas de fazer mundos se interrompem. Se são tantos os rios, e tantos os seres que lhe fazem companhia, quais os modos possíveis de se cuidar de um rio? É possível estabelecer alianças entre cuidadoras e modos de cuidado? Neste trabalho, transito entre os modos institucionais e brejeiros de se cuidar das águas, e investigo as relações entre estas práticas e as diversas formas de habitar o Antropoceno. Aterro estas questões no Vale do Peruaçu, em Minas Gerais, e as investigo em correspondência com narrativas históricas e cotidianas de cuidado com as águas em Belo Horizonte. O trabalho é mediado por imagens fotográficas por meio da construção de álbuns – coleções que buscam construir um repertório de cuidado ribeirinho. Experimento o avizinhamo de imagens e suas narrativas como disparador dos diálogos e da escrita. Se as ferramentas técnicas modernas não são mais suficientes para cuidarem do mundo danificado, investigo quais estratégias colaborariam para reparar o mundo que partilhamos.

Palavras-chave: cuidado; fotografia; rios urbanos; Peruaçu.

ABSTRACT

Waters and rivers, in addition to shaping the occupation in territories, are also a significant axis of mobilization and transmission of knowledge. They are contested territories, constantly threatened by capital interests and the ongoing environmental catastrophe. Moreover, this is where multiple ways of world-making intersect. With so many rivers and so many beings that accompany them, what are the possible ways to take care of a river? Is it possible to establish alliances between caretakers and modes of care? In this work, I move between institutional and grassroots ways of caring for the waters, and I investigate the relationships between these practices and the various forms of inhabiting the Anthropocene. I ground these questions in the Vale do Peruaçu in Minas Gerais and investigate them in correspondence with historical and everyday narratives of water care in Belo Horizonte. The work is mediated by photographic images through the construction of albums - collections that seek to build a repertoire of riverside care. I experiment with the juxtaposition of images and their narratives as a trigger for dialogues and writing. If modern technical tools are no longer sufficient to care for the damaged world, I investigate which strategies could collaborate to repair the world we share.

Key-words: care; photography; urban rivers; Peruaçu.

SUMÁRIO

PARTE 1: ABERTURA	15
PARTE 2: PREPARAÇÃO	23
Belo Horizonte, ruína brejeira	24
Joões e as primeiras águas do Arrudas.....	30
Travessia.....	31
Águas de caboclo.....	40
Cuidar <i>com</i> em mundos mais que humanos	43
PARTE 3: ÁLBUNS	49
Chuvisco e eu	50
Quando as imagens se encontram	53
PARTE 4: PARQUE 61	
Lama, onde posso molhar meus pés.....	62
Armadilhas, câmeras para crianças e onças.....	73
PARTE 5: FLORESTA	89
Lírios e o convite para cuidar do quintal.....	90
Mina e a visita aos Embarés.....	101
PARTE 6: REPARAÇÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122



VALE de **P**



ERUAÇU

[↑][1] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu, março de 2023.

PARTE 1:
ABERTURA



[2] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu, março de 2023.

¹Quando encontrei pessoalmente Nelinda pela primeira vez, eu estava com as mãos no barro. O barro gruda na mão, da mesma forma que a poeira amarela gruda no pé, criando cor. Nunca havia trabalhado com barro antes, mas na sua companhia, e com os ensinamentos de Vanuza, construí um pote [2]. Ela carregava uma sombrinha, e eu me perguntei se iria chover. Tamanha ingenuidade a minha, afinal, a sombrinha, como as mangas compridas das roupas, serviam para proteger do sol. Apresentarei com mais cuidado minhas companheiras adiante, mas sinto que este momento que vivemos juntas diz sobre como entro nesta pesquisa: disposta a suspender as minhas certezas e a aprender junto das pessoas que a constroem comigo.

As questões que me proponho a discutir aqui têm chegado para mim aos poucos, ao longo dos últimos oito anos. Encontrei com estas investigações sempre acompanhada e é por isso que este é, também, um trabalho construído em companhia. Durante o percurso desta pesquisa tive a sorte de encontrar companhias generosas que me ajudaram a construir o que escrevo aqui. Elas são minhas interlocutoras neste trabalho e, por isso, as chamarei de companheiras de pesquisa.

Nestas relações, procuro desaprender o papel de pesquisadora como uma descobridora, ou como aquela que investiga um mundo a ser desvendado. O que experimento é aprender com minhas companheiras, em uma tentativa de “recuperar outras modalidades de partilha do mundo”, questionando “o hábito de estudar o mundo partilhado por meio de conceitos políticos e categorias” (AZOULAY, 2019, p.32)², já que aprendi com Ariella Azoulay que este é um hábito que pode perpetuar um modo imperial de pesquisar, e também de se relacionar com o mundo.

Nesta pesquisa me acompanham pessoas humanas que são barranqueiras, pesquisadoras, plantadoras de água, entre outras, mas também abóboras, buritis, cachorros, gameleiras, patos, estalactites, minas d’água e outros seres-rio que não humanos — e que neste texto chamarei de mais-que-humanos em conversa com Anna Tsing³ — que atravessam e são atravessados por práticas de cuidado com os rios. Digo que estas práticas de cuidado se dão com os rios, no sentido de junto deles, uma vez que não os considero seres inertes, mas também participantes desta rede de cuidado. Afinal, o rio também cuida de mulungus, lírios, buritis, cobras, patos, rios e de outras gentes humanas e mais-que-humanas que o atravessam.

Desaprender narrativas universais e imperiais é interromper a busca infundável - pela nova descoberta e suspender certezas para aprender a cuidar do que resta, é “recuperar outras modalidades de partilha do mundo e as muitas recusas inerentes às atuações públicas das pessoas, reivindicações diversas e aspirações reprimidas.” (AZOULAY, 2019, p. 32). Encontro histórias do dito desenvolvimento e da inquestionável destruição. Histórias como a

¹ Recomendo a leitura deste trabalho em sua diagramação original, disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1p6gJ6huasAqdgN_DMCP_oOL0blaT8rKS?usp=share_link

² Neste trabalho, muitas vezes utilizo textos que não foram escritos, originalmente, em português. Peço desculpas por eventuais imprecisões que possa cometer nos trechos traduzidos.

³ Prefiro utilizar mais-que-humano ao invés de não-humano porque acredito que esta expressão reforça o posicionamento de que estes viventes constroem agências para além do especismo humano, e não apesar de sua “falta de humanidade”.

repetidamente contada “história do progresso”. Mas como me ensinou Alana Moraes⁴, as ferramentas do mundo moderno não servem mais para pensar o mundo danificado, então quais outras ferramentas seriam capazes de repará-lo? Ou ainda, como investigar outras maneiras de usar as velhas ferramentas e contar as mesmas histórias?

Colecionar outras histórias e outras imagens, ou, ao menos, outros modos de ver as mesmas histórias e imagens é a maneira que escolho para construir novos emaranhamentos com os mundos. Essas histórias podem parecer íntimas e pontuais, mas as histórias de cuidado com o mundo que me interessam não são universais e replicáveis, pois onde se lê universal, se lê imperial. Porque também, é no encontro de mundos, que encontram-se também histórias que sustentam estes mundos. E é preciso se arriscar a viver em companhia – de outros humanos, de outros mais-que-humanos e de outros mundos.

No Peruaçu, gameleiras constroem raízes exuberantes e jatobás e jequitibás se casam para, juntos, fazerem companhia para o rio. Troncos são moradas de cogumelos e depois, se transformam em fogueira para dançar o São João [3]. Nas veredas, o reflexo do céu na água é tão impressionante que se torna inspiração para a pintura que celebra o Vale do Peruaçu [1]. As co-habitações mundanas são atravessadas por relações de cooperação e/ou destruição entre múltiplos viventes e, em tempos de catástrofes ecológicas, se ainda nos resta um mundo para morar, plantar e cultivar, é porque diversos povos têm cuidado para que restasse chão. Cuidar do mundo partilhado envolve negociar essas relações. Mas em meio a tanta destruição, é possível negociar o cuidado com algo partilhado como um rio? Quais tipos de negociação se desenham neste processo e como aprender com elas a cuidar do mundo que partilhamos?

[3] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu, março de 2023.

⁴Escutei Alana Moares no dia 08 de fevereiro de 2023, durante a disciplina Antropoceno: arte, cuidado e invenção ofertada pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde do Instituto de Saúde e Sociedade da UNIFESP. A disciplina foi organizada pela professora Marina Guzzo, e agradeço a ela, pelos encontros teóricos e que disciplina que proporcionou encontros que foram muito inspiradores para as discussões aqui propostas.







[↑][4] Fotografia autoral. Januária. Março de 2023.

PARTE 2:
PREPARAÇÃO

Belo Horizonte, ruína brejeira



[5] Série de imagens *Lembra que isto é rio* de Carlos Oliveira. Belo Horizonte. Verão de 2020.

Já era fim da tarde, e eu atravessava o viaduto Francisco Sales em direção ao bairro Floresta, na companhia de Carlos Oliveira, um querido amigo, pesquisador e fotógrafo. A travessia é sempre árida e hostil, sobram carros e falta sombra. Na metade da travessia pela estreita faixa do viaduto reservada para os pedestres, paramos para ver o Arrudas⁵. Olhando na direção do Parque Municipal, encontramos o recado deixado em etapas nas vigas que sustentam o canal: Lembra isto é rio [5]. As nuvens no céu mostram que ainda havia mais chuva por vir; os carros enfileirados, que a água não teria para onde correr; a cor escura da água, o longo caminho que a água percorreu e quanta terra carregou.

Naquele verão de 2020, a pressão d'água foi tanta que chegou a formar fortes jatos d'água, quase como fontes, em alguns pontos das avenidas. O Arrudas é o curso d'água mais perto da minha casa e de onde escrevo este texto. Este rio é aquele que sempre vira notícia no tempo das águas. Aqui por perto, ele corre tímido e sufocado por uma das muitas Avenidas Sanitárias da cidade, neste caso, a Avenida do Contorno. Em alguns dos poucos pontos da região central da cidade onde ainda é visível, ele é associado ao esgoto. Como canta Luiz Lian sobre os rios em São Paulo, “Às vezes sacode de algum lugar, ele dorme até a chuva chegar. Mas a tempestade vem anunciar. E uma enchente lembra a população: que o que é rua antes era vazão”.

⁵ É preciso fazer um acordo com quem me lê. Neste texto, chamo rios, ribeirões e cursos d'água, pelos seus nomes: Arrudas, Peruaçu, Joões, entre outros. Fiz esta escolha porque desconfio do jeito humano que já anuncia as águas por seus tamanhos, como quem tenta dizer que o rio é mais importante que o ribeirão. Além disso, muitas destas águas são chamadas pelo nome de córregos que, especialmente em Belo Horizonte, tem uma conotação negativa e é frequentemente entendida de maneira popular como sinônimo de esgoto.

Os transbordamentos que fazem o rio virar notícia não acontecem apenas no Arrudas e também não são de agora. Belo Horizonte foi fundada em 1897 e um dos motivos de escolha desta região para a cidade foi justamente a abundância de cursos d'água, que pareciam ser suficientes para abastecer a população. Porém, a planta desenhada pela Comissão Construtora da cidade não respeitou os morros, as inclinações e o espaço que as águas precisam em suas variações de volume sazonais e naturais. Ainda entre 1920 e 1930 já ocorreram várias canalizações e retificações que buscavam, principalmente, resolver o problema das enchentes. Nestes processos o rio é encaixotado, colocado em uma galeria de concreto, e muda-se seu traçado original. “Este córrego não encherá mais”, diz a faixa afixada acima do Leitão. Como afirma a voz do narrador em documentário da época: uma verdadeira passarela negra o cobre. A única lembrança do Leitão está no chão, à esquerda da imagem, um pequeno buraco pelo qual o rio poderia respirar. Até hoje, ao caminharmos pelas ruas da capital, em muitas das avenidas, este tipo de estrutura é um dos poucos lembretes de que existe um curso d'água sob as ruas em que estamos, como uma ruína brejeira.

A captura de tela [6] é do cinejornal de 1972, mas no filme, aparecem também imagens de arquivo provavelmente de fins da década de 1960⁶. Nas palavras enfáticas do narrador o Leitão “parecia manso, mas quando enchia entrava até na casa dos outros” [7]. O filme deixa de fora a parte da história em que os humanos construíram nas suas margens e se esqueceram de como, a cada tempo das águas, ele precisava de mais espaço, do seu espaço. “Às vezes enfurecia e aí não respeitava nem os outros animais. Por isso a prefeitura de Belo Horizonte decidiu acabar com a raça dele.”

O espaço que a cidade destinou para o rio não era suficiente para sua variação de volume no tempo das águas. Quando o rio corre em seu leito natural, as curvas dos caminhos, as pedras do chão e a vegetação desaceleram o fluxo das águas. O rio canalizado não tem obstáculos e a água corre muito rápido. No filme, os animais são arrastados pela forte correnteza e pessoas com roupas dobradas acima das canelas tentam expulsar o rio de suas casas. Segundo a descrição do filme, as cheias registradas acontecem na rua São Paulo, na altura da avenida Bias Fortes. O título original do filme, produzido pela Argus Filmes e disponível no acervo do MIS BH é *Era uma vez um leitão*. Imagino que o título seja um trocadilho com as histórias infantis tão frequentemente narradas. Histórias como as do Leitão também são frequentes, mudam-se os rios e a *história da busca infundável pelo progresso* se mantém. O filme de quatro minutos narra a guerra contra o córrego, e o começo do “fim da história do Leitão, e o início de uma obra que vai entrar para história da cidade. A prefeitura na gestão de Oswaldo Pieruccetti, sob a coordenação da SUDECAP, estabeleceu um prazo final para a ‘vitória’: 150 dias. A melhor técnica foi encontrada e uma vala de 100 x 100 x 16m foi construída”. A quantidade de concreto utilizada seria suficiente para construir um prédio de 164 andares. “As obras tiveram prosseguimento no sol e na chuva. E no dia 07 de janeiro de 1972 era uma vez um leitão.” No dia da inauguração da obra, estavam presentes o prefeito Pieruccetti, o governador Rondon Pacheco e Arnaldo Mendes Júnior. Homens engratados marcham sob a passarela negra. “Foi um dia de festa para Belo Horizonte.”

⁶ Datação segundo informações disponíveis na descrição do filme no acervo.



O Leitão não foi o único em Belo Horizonte que recebeu este tratamento. Durante os anos 1960, o automóvel e o asfalto começaram a ganhar grande protagonismo na cidade, que queria se consolidar enquanto metrópole. Estes dois elementos (o asfalto e o carro) eram entendidos como sinônimo de progresso e de desenvolvimento. Foi nesta época, que se iniciou com maior intensidade o tamponamento dos cursos d'água na região central da cidade. Este tipo de obra é uma marca do programa BH Nova 66⁷. Como conta Alessandro Borsagli⁸, ainda nos anos 1930, haviam sido construídos coletores de esgoto pensando em preservar os rios, mas nos anos 1960 os rios passaram a ser vistos como condutores de esgoto (BORSAGLI, 2016; MESQUITA, 2013, apud MORAIS, 2020, p.393). A promessa era de que enchentes nunca mais seriam vistas e de que os problemas de circulação dos carros seriam resolvidos. Para uma cidade que queria se consolidar enquanto metrópole, os registros visuais eram muito importantes. O arquivo silencia, mas também fala. Como conta Priscila Musa⁹ em *Quem vê cara não vê ancestralidade* (2022):

A cultura visual do presente histórico que nos chega através das imagens dos arquivos é reveladora de um modo de fazer urbanístico e fotográfico que constrói não apenas a visualidade, com uma conexão íntima entre colonialidade e modernidade, mas também o imaginário de cidade no campo do sensível. Constituiu e fortaleceu o desejo de uma cidade cada vez mais moderna, cada vez maior, cada vez mais desenvolvida e ordenada. Construiu os modos de ver de sua população e a aspiração por uma cidade sempre em obras. Uma imagem de cidade aprisionada em seu eterno porvir e que vejo aqui no presente-futuro daquele tempo, sabendo que ele chegou esfacelado.

(MUSA, 2022, p, 168)

Diversos cursos d'água corriam pela região central da cidade. Rios com características e topografias diferentes e que eram habitados por vários viventes. No registro do tamponamento do Acaba-mundo o narrador diz que “O que se passa na rua Professor Moraes é uma amostra do plano de urbanismo e saneamento da municipalidade.”¹⁰ A chamada reforça uma forma de atuação, as políticas públicas vigentes e o modo escolhido de cuidar das águas na cidade naquela época.

Foi por este tipo de registro que as águas escondidas de Belo Horizonte apareceram para mim. Lembro que reconheci em uma antiga fotografia¹¹ a rua que morava e descobri que o Acaba-mundo passava em minha porta. Histórias como essas não estão só perto da minha casa, mas por toda a cidade. Nas regiões centrais da

⁷ O programa *Nova BH 66* foi lançado logo após o Golpe Militar de 1964 e tinha como objetivo dar protagonismo aos veículos nas ruas da cidade. O programa realizou, assim, uma série de obras de canalização dos cursos d'água em Belo Horizonte.

⁸ Muito do que narro aqui sobre a história dos rios em Belo Horizonte aprendi Alessandro Borsagli. Desde a graduação frequentei seu famoso blog Curral del rey e, depois, tive a sorte de escutá-lo em diversas ocasiões. Recomendo a visita ao seu blog e, também, a leitura de seu livro *Rios invisíveis da Metrópole Mineira*.

⁹ Agradeço a Priscila Musa pela disponibilidade com que mergulhou comigo no Peruaçu e me inspirou a ajustar meu modo de ver e a construir atravessamentos entre águas, companheiras e nossos arquivos compartilhados.

¹⁰ BELO HORIZONTE- MINAS GERAIS- OBRAS PÚBLICAS. Produção de Argus Filmes. Acervo PBH/MIS. Belo Horizonte, 1963-1965. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_fHuMEizD3o>

¹¹ Procurei insistentemente pela fotografia deste episódio, mas infelizmente não consegui reencontrá-la.



[7] Capturas de tela do filme *Enchente no Córrego do Leitão - Belo Horizonte*. Canal MIS BH Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBaQrHhxdg>

cidade só sabemos da existência dos cursos d'água enterrados por alguns poucos vestígios, seja um som ou um desses pequenos espaços deixados no chão, como na imagem do Leitão. Muitas das vezes, apenas neste tipo de visualidade exterminadora fruto da "história do herói", é possível enxergar os rios. Foi Ursula K. Le Guin (2002) quem me convidou a pensar sobre este repetido modo de construir as narrativas modernas e ocidentais: a recorrente consagração dos grandes feitos realizados por célebres homens. Mas como aponta Chimamanda Ngozi Adichie, o perigo de uma história única ser repetida de maneira recorrente é que ela passa a ser entendida como a única verdade. Anna Tsing ensina, em coro com as duas: "Esta é uma história que conhecemos. É a história de pioneirismo, progresso e transformação de espaços 'vazios' em recursos industriais". (TSING, 2015, p.18). Mas o que emerge entre paisagens danificadas além do recurso e da ruína?

Joões e as primeiras águas do Arrudas



[8] Sem informação de autoria. Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/os-herois-do-navio-baleia/>

As visitas que fiz ao quintal do Sr. Nonô não foram muitas, talvez três ou quatro, separadas por meses ou anos. Todas as vezes que estive lá me lembro de tomar alguns minutos para tentar decifrar os encaixes entre as pedras sobrepostas que margeiam o trecho do Rio cuidado por ele. As pedras, em tamanhos diversos, se juntam à cobertura vegetal que substituiu o antigo barranco em encaixes precisos. Na fotografia acima [8], elas aparecem no plano de fundo da imagem; no primeiro plano, Mércia Inês Pereira do Nascimento e Ernesto Soares da Conceição, o Sr. Nonô.

O curso d'água que escapa à fotografia é dos Joões, que corre para o Navio-Baleia, no bairro Paraíso, região leste de Belo Horizonte. Algum tempo depois, descobri que as preciosas pedras que conduziam o caminho dos Joões vieram justamente do Navio-Baleia. Neste trecho, o rio passa no quintal da casa em que o Sr. Nonô viveu sua infância e adolescência. Ele costumava contar que o caminho que percorria até a escola era carregado de flores e que, naquela época, a água dos Joões era clarinha.¹²

Se pudessemos escutar as histórias que aquelas pedras contam, elas diriam que o trabalho de cuidar deste lugar começou em 1991 e que o curso d'água foi batizado de Joões em homenagem ao pai do Sr. Nonô. Este curso d'água é um dos afluentes do Navio-Baleia que fica na Bacia do Arrudas, um dos grandes rios de Belo Horizonte. As pedras que chamavam minha atenção faziam companhia para vegetação que foi plantada para recompor a mata ciliar. Parte do plantio foi feito pelo Sr. Nonô e, parte por colibris, sabiás, saíras e morcegos que passaram de visitantes a cuidadores, ajudando a semear espécies de árvores no terreno.

Em 1977, o Sr. Nonô custeou os gastos de uma obra para desviar o esgoto para que a água dos Joões corresse limpa por aqueles poucos metros de quintal. O esgoto foi desviado para uma rede lateral de caixas coletoras que margeiam os Joões no próprio terreno, e a água do curso d'água corre limpa por aqueles 80 metros. O trabalho do Sr. Nonô serviu de inspiração para a criação pelo Comitê de Bacia Hidrográfica do *Projeto Cuidadores de Nascente*. O Comitê de Bacia Hidrográfica foi instituído pela Lei Federal 9433/97 e tem como objetivo discutir e planejar as tomadas de decisões sobre os recursos hídricos de uma determinada bacia hidrográfica. Neste caso, o Comitê é o da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas. O CBH Rio das Velhas foi o primeiro comitê em Minas Gerais a aprovar e implementar a Cobrança pelo Uso de Recursos Hídricos (LEMOS, 2012, p.1). Em 2011, treze anos após sua criação, o Comitê pode escolher projetos prioritários a serem financiados com este recurso e, inspirado pelo trabalho de Sr. Nonô e Mércia, o Comitê iniciou o *Projeto de Valorização das Nascentes Urbanas nas Bacias Hidrográficas dos Ribeirões Arrudas e Onça*. Este projeto teve como objetivo não apenas a recuperação de nascentes em áreas urbanas, mas também a valorização de pessoas como Sr. Nonô e Mércia, cuidadores de nascentes.

Em minhas visitas, fui traída pelos registros digitais que me prometeram permanência, mas se foram no primeiro HD corrompido. Por sorte, o filme *Os Heróis do Navio-Baleia*, de Marcelo Passos, me ajuda a recuperar as lembranças. Neste documentário escuto o Sr. Nonô dizer que “Cuidar da natureza é uma maneira de voltar ao tempo de criança.” Ele diz também se orgulhar de ter nadado nas primeiras águas do Arrudas. Muitos não tiveram a mesma sorte, porque afinal, como poderiam contar o Leitão e o Acaba-Mundo, o passado nem sempre foi cuidadoso com as águas.

No filme, Mércia conta que em diálogo com o posto de saúde começou a se preocupar com o grande número de crianças doentes devido a doenças transmitidas pela água. A ambientalista começou, então, a se interessar especialmente por produzir materiais que pudessem circular entre as crianças e os adultos da região e sensibilizar quanto à necessidade da preservação, limpeza e recuperação dos cursos d'água. Entre os materiais que produziu o livro *Resgate Histórico da Bacia do Córrego Navio/ Baleia* ganhou destaque. A autora transformou as entrevistas

¹² Ouvi Sr. Nonô no filme *Os Heróis do Navio-Baleia*, de Marcelo Passos. Contarei mais sobre este filme adiante.

com moradores do bairro em um livro que conta a história do córrego. O livro é ilustrado com fotografias e, também, com coloridos bordados em ponto cruz. Mércia conta que os bordados foram a maneira que encontrou de conseguir contar as histórias de forma atrativa. Ela também já produziu músicas e histórias em quadrinhos, com o mesmo objetivo.

Nas conversas com os moradores conta-se que o rio corria entre mangueiras, gabirobeiras e mangabas. O leito do rio também era cheio de flores, principalmente as amarelas. Bagres com bigodes e piabinhas nadavam em suas águas. A água era usada para tomar banho e lavar roupa. Diz-se que o nome Navio-Baleia surgiu devido ao naufrágio de uma pequena embarcação que virou e serviu de ponte para a travessia entre as duas margens do rio.

É também neste filme que escuto Apolo Heringer Lisboa, um dos fundadores do Projeto Manuelzão, dizer que pessoas como Sr. Nonô e Mércia fazem uma gestão cotidiana das águas. O que a gestão cotidiana pode ensinar para a gestão municipal? Como ensina a boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, é urgente “repolitizar o cotidiano, seja da cozinha, do trabalho ou do jardim.” Acredito que repolitizar, nestes termos, não significa que não existam políticas nestes espaços, mas do contrário, é urgente que as estratégias institucionais de cuidado reconheçam o trabalho de gestão cotidiana e aprendam com elas. Silvia Federici também me ensina a grande importância destas gestões cotidianas:

A luta contra o neoliberalismo deve ter raízes nas atividades que reproduzam nossa vida, porque, nas palavras de um militante citado por Rauber (2002, p. 115), “tudo começa no cotidiano e, então, é traduzido em termos políticos. Onde não há vida cotidiana, não há organização, e onde não há organização, não há política”.

(FEDERICI, 2022, p.213).

Avizinhar estes modos de cuidado e imaginar uma possível contaminação entre eles é a grande questão que movimenta este trabalho. Direciono, assim, o meu olhar para os territórios das águas em busca de pistas que ajudem a ampliar minha inventividade política¹³ e pensar formas de cuidado no presente. Lembro de uma conversa que participei durante a disciplina *O potencial urbano da floresta e o devir selvagem das cidades*¹⁴, onde se discutia a cidade como ruína florestal. O diálogo entre Ailton Krenak e Wellington Cançado me ajudaram a imaginar uma retomada da floresta a partir do cuidado com as nascentes.

Na conversa, Wellington Cançado provoca: “o que significaria pensar a estrutura da cidade a partir do cuidado com as nascentes, com esses espaços e as espécies? Para além da própria ideia de propriedade?”. Onde Krenak instiga a criação de uma rede em que os cuidados com as nascentes deixem de ser privados e passem a ser comuns.

¹³ Aqui, agradeço a Alyne Costa não apenas por me contaminar com os pensamentos de Bruno Latour e sua busca por expandir o modo como pensamos a política de forma a acomodar viventes mais-que-humanos, mas também pelas importantes contribuições dadas a este texto durante a banca de qualificação.

¹⁴ A disciplina *O potencial urbano da floresta e o devir selvagem das cidades* foi ofertada pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. A conversa a qual me refiro aqui aconteceu no dia 22 de novembro de 2022.

Onde se possa imaginar que a tarefa de cuidado daquela nascente, naquele quintal, pode ser uma tarefa compartilhada entre todos os que tiverem interesse. Isto permite, inclusive, pensar uma imagem onde todas as nascentes aparecem no quintal de ninguém. O interessante seria se aquela nascente estivesse ligada a outra e a outra, a ponto delas constituírem uma expressão tão relevante que não pudessem ser prejudicadas individualmente.

Inspirada por essa rede de cuidado comum com as nascentes, busco neste trabalho expandir meu repertório de cuidado com os territórios das águas e investigar como essa rede de cuidado e as perturbações políticas que ela provoca poderiam contaminar o modo como se cuida dos muitos mundos. Como podemos negociar o cuidado com um mundo que não é um só?

Travessia



[9] Fotografia de Kika Antunes. Disponível em: <https://manzua.eco.br/revista/plantadores-de-aguas/>

Longe dos Joões e do Arrudas, este tipo de gestão cotidiana de cuidado com as águas recebeu outro nome: plantar água. Foi em uma reportagem¹⁵ da revista Manzuá que Damiana Campos e Marcela Bertelli me apresentaram a Nelinda Gonçalves Macedo e José Aparecido Macedo, o Zé Torino, e ao Peruaçu, em setembro de 2020.

Pequenina, a mina se colocava ali frente a frente com seu co-criador. Em silêncio, ficamos a olhar a água borbulhando no meio do capim alto, vinda de dentro do chão. Terêncio, com seu facão ao lado, brilhava os olhos: ‘Assunta meninas, vejam como ela faz’.
(CAMPOS e BERTELLI, 2020)

¹⁵ A reportagem está disponível em: <https://manzua.eco.br/revista/plantadores-de-aguas>.

Na reportagem, li sobre estas pessoas que plantavam água no Peruaçu e sobre algumas histórias atreladas a este gesto. Decidi iniciar uma busca para contactá-los. Desde minha graduação em Arquitetura e Urbanismo eu me interessava pelos muitos modos de se viver perto das águas, por isso, me senti motivada a aprender com esta maneira de se morar junto do rio que até *plantava água*. O que significava plantar água? Quem eram os plantadores de água?

Na tentativa de me comunicar com Nelinda no Peruaçu conversei com Felipe Carnevalli, Carol Abreu e Damiana Campos. Naquele momento, eu participava de um projeto¹⁶ sobre as águas do Cercadinho em Belo Horizonte, e, junto de Vitória Bispo e Tande Campos, eu estava interessada em conversar sobre estas muitas maneiras de habitar o mundo em partilha com as águas. Era outubro de 2020 quando Nelinda me escreveu dizendo que havia recebido meu recado. Começamos então a trocar conversas, vídeo-cartas, fotos, vídeos de celular, muitos áudios e convites para um encontro. Nelinda sempre me convidou para visitá-la; “logo mais você vai estar aqui e vai poder ver pessoalmente”, me dizia. Antes mesmo de nos encontrarmos fisicamente foi nas correspondências que ela me contou sobre as plantas do quintal e do brejo. Sobre a chuva que é bem-vinda e sobre os buritis que foram plantados há pouco tempo e, ainda pequenos, não resistiram à cheia.

Em nossas conversas, entendi que o trabalho de plantar água se parecia com o trabalho do Sr. Nonô, de Mércia e outras tantas pessoas que são cuidadores de nascente em Belo Horizonte. São pessoas que se dedicam ao trabalho de cuidar das minas d’água: estes lugares onde as águas dos reservatórios subterrâneos brotam na superfície. Este trabalho envolve, por exemplo, evitar contaminação, o pastoreio, as queimadas e criar estratégias de limpeza, plantio, e educação popular, assim como uma série de outras atividades que permita com que a água infiltre no solo e volte a brotar. É um trabalho que exige grande articulação comunitária, mas também o envolvimento de políticas públicas, já que os sistemas hídricos são extremamente complexos e demandam ações em muitas escalas. O cuidado com as nascentes tem papel essencial para a manutenção dos rios e cursos d’água, tanto em Belo Horizonte e nos grandes centros urbanos, como no Peruaçu.

As conversas com Nelinda se entrelaçaram com outras experiências que foram, aos poucos, fazendo com que eu me sentisse mais próxima do Peruaçu. Foi durante uma dessas experiências, (a construção do jogo *Temporão*¹⁷) que fui apresentada ao Gleydson Mota (o Gley) pela Gabriela Moulin. Gley é economista, barranqueiro, produtor audiovisual no Cine Barranco e coordenador executivo do Ponto de Cultura Centro de Artesanato. Gley se tornou um grande amigo e companheiro, tanto da pesquisa do jogo, quanto desta pesquisa. Foi na casa de Gley que me

¹⁶ O Projeto Córregos Vivos foi realizado pelo grupo de pesquisa e experimentação Terra Comum, com curadoria de Louise Ganz, Ana Paula Baltazar, Isabela Izidoro e Frederico Canuto e aconteceu no verão de 2020.

¹⁷ O jogo *Temporão* foi produzido por Gley, Cláudia Mota (a Claudinha), Layane Almeida, Marília Silva, Isabela Izidoro e eu, a convite de Gabriela Moulin enquanto diretora-presidente do BDMG Cultural. Navegamos pelos rios Peruaçu, São Francisco e Profiro durante julho e outubro de 2021. Embora nossa ideia inicial era fazer um jogo com base em visitas ao território, os encontros aconteceram de maneira remota, devido à pandemia da COVID-19. Com as impossibilidades de deslocamentos, a pesquisa do jogo se deu por outros meios. Conversas síncronas virtuais, trocas de mensagens, fotos e vídeos por whatsapp, ligações entre nós e também com outras pessoas. Também nesta pesquisa do jogo, Nelinda foi uma grande interlocutora. No tempo das águas de 2022, 100 cópias do jogo foram distribuídas em escolas e pontos de cultura São Franciscanos.

hospedei em Januária, às margens do Rio São Francisco, e foi de lá que partimos¹⁸ para o Peruaçu.

Pisei as águas do rio Peruaçu em março de 2022, depois de dezessete meses de conversas virtuais com Nelinda, em um verão onde em tudo quanto é quintal se colheu abóbora [10]. Algumas das sementes que foram jogadas como comida para os passarinhos se tornaram comida para a terra e cresceram depois das fortes chuvas de janeiro. Afinal, como me ensinou Antônio Bispo dos Santos, tudo é comestível, se não por nós, por outros viventes¹⁹. As folhas das abóboras se espalharam rasteiras, construindo uma cobertura no chão, quase como um tapete verde nos quintais. Estar neste território foi uma brecha em tempos de medo e reclusão devido à pandemia da COVID-19. Por isso, estar no território foi uma experiência libertadora. Não apenas pela expectativa criada ao longo dos anos de contato virtual, mas também pelo acúmulo de medos, incertezas e inseguranças que o isolamento e a pandemia proporcionaram. Naqueles dias, me senti completamente afetada, nas palavras de Janet Favret-Saada, tive a experiência de “reabilitar a velha sensibilidade”. Uma sensibilidade que tinha, naquele momento, a ver com estar com o corpo presente no território e conseguir finalmente me aproximar dos termos de Nelinda, que sempre foram os do corpo e da presença. Talvez por isso, mesmo sem me conhecer, desde nossa primeira conversa, Nelinda me convidava para uma visita.

O Vale do Rio Peruaçu fica no norte de Minas Gerais, a aproximadamente 700 km de Belo Horizonte. O rio percorre veredas, grutas e cavernas ao longo dos seus 100 quilômetros e é um importante afluente perene do Rio São Francisco. A travessia para a região e os deslocamentos por lá envolveram uma combinação entre ônibus intermunicipais e a articulação com moradores locais que fazem o serviço de transporte. Durante aquele mês, não estive apenas no Peruaçu, mas também em Montes Claros, no Candéal, no Fabião, no Olhos D’água, no Quilombo de Alegre, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, na APA Cavernas do Peruaçu, entre outros lugares. Gley não apenas muito gentilmente nos hospedou, como nos apresentou a pessoas e lugares muito especiais.

Chegamos na casa de Nelinda e Sr. Zé Torino balançadas no carro de Tião [11]. O carro era grande, alto e robusto, mas as estradas de acesso estavam muito irregulares depois das fortes chuvas. Carros menores estavam tendo dificuldade de passar, e o carro que levava as crianças para a escola não estava conseguindo chegar. Neste balanço, a chegada era de impressionar. Além do piso de terra irregular, a estrada que levava ao Peruaçu tinha partes de mata bem fechada e grandes formações rochosas. As rochas ficavam tão perto da estrada que a impressão era de estar cortando as pedras para traçar o caminho - como alguém fez um dia pela primeira vez. A terra tem uma cor forte, algo entre o amarelo e o vermelho, que fica grudada no sapato e que eu trouxe de volta à capital.

Depois do mês no Peruaçu, voltei para Belo Horizonte, que é de onde escrevo este texto. Nesta escrita, muitas vezes, me sinto forasteira. Afinal, como um colega de trabalho me falou desde o começo, “O Peruaçu é muito longe”. Não trouxe comigo pequis, lírios, ou o doce de buriti – e este também me parece, inclusive, um modo

¹⁸ Neste plural, como em outros em que conto sobre a ida ao Peruaçu, somos Isabela Izidoro e eu. Isabela esteve comigo em minha estadia em março de 2022. Juntas, fizemos parte do Coletivo Às margens, onde de 2015 a 2022, onde investigamos possibilidades de conviver com as águas nos territórios e por criar ferramentas de diálogo entre os saberes dos territórios, das pessoas e as políticas públicas. Produzimos, principalmente, jogos analógicos porque temos entendido eles como um bom instrumento de registro e conversa sobre as memórias, os territórios e os modos de vida.

¹⁹ Escutei Bispo na live Pelos rios dos céu. Como confluem águas e saberes? Diálogo entre Antônio Bispo dos Santos e Margi Moss; Mediação de Fernanda Regaldo. Live do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021.



[10] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2023.

um pouco colonizador de se pesquisar. Neste caso, acho que aprender com seja menos sobre trazer comigo e mais sobre o que fica em mim de tudo o que me atravessa. Falo de territórios onde não estou e tenho medo das equivocções que possa cometer devido a esta distância (mas também suspeito que as cometeria de toda maneira). Desconfio da minha escrita que diz sobre um lugar que não é de onde escrevo e, talvez por isso, tento aproximá-la com experiências anteriores, histórias cotidianas, trabalhos paralelos à pesquisa do mestrado e também com tudo o que acontece próximo a mim.

Preciso estar atenta ao meu modo de perceber as coisas, sempre acostumado a criar oposições entre o *aqui* e o *lá*. As comparações me ocorrem a todo momento e enquanto lia a reportagem da Revista Manzuá, por exemplo, meu *enquadramento opositor* rapidamente avizinhou duas imagens: a primeira [9] das águas do Rio Peruaçu que na reportagem corriam entre mulungus e buritis, cenário muito diferente da segunda imagem, [12] uma foto que eu havia tirado em minha visita ao Cercadinho, em Belo Horizonte, que fazia seu caminho entre moradias ribeirinhas e prédios enormes que lhe viravam as costas. Este avizinhamto de imagens e rios me faz questionar: quais as maneiras de coabitar o mundo em partilha com rios e os seres-rio que lhe fazem companhia? Quais são os modos de se cuidar dos rios em um mundo partilhado? O que o modo como cuidamos dos rios pode nos ensinar sobre o modo de fazer mundo?

Renata Marquez²⁰ generosamente me ajudou a entender que este movimento de avizinhar diversos modos de cuidado não é de um olhar que opõe, mas que compõe. Para imaginar esta composição de cuidados é preciso colocar as narrativas lado a lado e permitir que elas se contaminem. É nesta composição contaminada que é possível encontrar pistas para criação de repertório sobre as muitas formas de habitar e cuidar do mundo no Antropoceno. Não tenho vontade que esta composição seja feita de maneira imparcial ou neutra. Como pesquisadora, tenho intenções que são localizadas dentro da minha trajetória e de meu próprio entendimento de mundo. Já que, como me ensinou Donna Haraway, a falsa busca pela neutralidade da ciência é infiel ao modo como ela é de fato produzida: por pessoas, inseridas em relações de poder e parcialidade. Afinal, ninguém existe sem seu mundo.²¹



[11] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2023.

²⁰ À Renata, querida orientadora, agradeço pela companhia generosa e atenciosa durante estes anos. Me senti corajosa e cuidada ao seu lado, que sorte grande dividir os caminhos desta pesquisa com você.

²¹ Faço referência aqui ao título do texto de María Puig de la Bellacasa: *'Nothing comes without its world': thinking with care.* (BELLACASA, 2012)



[12] Fotografia autoral. Belo Horizonte. Fevereiro de 2020.

Águas de caboclo

Quando me encontro com o Peruaçu preciso abrir espaço para entender que ele é cuidado de maneiras diversas e por uma rede de viventes. Carrancas, ribeirinhos, indígenas, sapatás, barranqueiros, serpentes, onças e também seres que excedem a compreensão moderna. Bolas de fogo e encantados são tão cuidadores quanto os pescadores. Dentre os muitos encantados cuidadores que conheci, um despertou minha curiosidade de maneira particular.

Passei a pensar especialmente sobre este ser durante uma travessia noturna pelo Peruaçu. Naquele dia, uma visita à vizinha se estendeu mais do que o previsto, entre os inúmeros cafés servidos. Desde o caminho de ida já sabíamos que a única possibilidade de passagem era pelo rio. Na ida o caminho foi inusitado, mas de certa forma divertido. A visita se estendeu e o sol se pôs. No escuro, a travessia se tornou traiçoeira. As lanternas não eram suficientes. O chão que antes era apenas incerto se tornou inseguro. Lembrei que atravessava a morada de sucuris, jacarés e encantados. Destes seres tenho medo, mas talvez medo neste mundo seja apenas outra palavra para respeito. Ou ainda, nas palavras de Antônio Bispo dos Santos, meu medo pode ser entendido como cosmofobia (BISPO, 2018).

Senti medo, porque não sabia dizer se eu era bem-vinda naquela travessia. Sempre gostei de colocar meus pés nas águas, aprendi a respeitá-las e como canta Maria Bethânia “sempre pedir licença, mas nunca deixar de entrar”. Naquele momento não sabia para quem deveria pedir autorização para travessia. De volta à capital, o respeito cosmofóbico se tornou curiosidade.

Abro, então, neste texto, uma lacuna para esboçar um emaranhado sobre tudo que ouvi sobre este ser. A narrativa caminha da mesma forma que as informações chegaram até mim: múltiplas, desencontradas, dispersas, misteriosas e de uma forma que no meu mundo poderia ser chamada de incoerente. Mas no Peruaçu também aprendi que coerência é uma das palavras que são habitadas de formas diferentes entre mundos. Aqui, acho que a incoerência se torna multiplicidade. Eis a coleção de imaginações sobre este ser, baseadas no que ouvi:

- Foi numa travessia de canoa que algo arranhou o fundo do barco. Era possível ver as garras finas como vareta de buriti se agarrando na embarcação, eram apenas quatro dedos, cobertos por pelo espesso e marrom. Essa ave é tão magra que se o vento assobiar ela voa, e talvez seja por isso que ela costuma chegar assobiando primeiro. Quem já o ouviu, conta que esse assobio era um barulho alto e ensurdecedor. Fala-se também que é mais fácil de se ouvir quando escurece, porque é quando ele grita pela companhia das capivaras com quem dizem gostar de dormir.

- Aquele deveria ser um dia dezembro, e podia ser que esse tipo de lagartixa procurasse ajuda para ir até a margem do rio. A chuva não tem mais chegado na mesma intensidade que antes e os rios têm ficado menos profundos, o que dificulta a sua locomoção.

- Esse tipo de peixe gosta de nadar no fundo e subir para se esquentar no sol na parte rasa. Quando se desloca no rio, ele movimentava tanta água que parece um elefante (não que eu já tenha visto pessoalmente um elefante entrando na água), talvez seja pela quantidade de água que o chifre que ostenta na cabeça sacode ao mergulhar. Até hoje só se sabe uma única coisa que amedronta a criatura: um barulho de uma forte bomba, dessas que se solta na época de São João. Mas também, quem não sairia correndo ao escutar um barulho desses inadvertidamente?

- Naquele mesmo dia, ou talvez tenham entre essas datas alguns anos de diferença, um pescador descrente sentiu um puxão forte na vara de pesca. Como ele havia colocado um fígado de boi como isca, imaginou ter capturado um dourado dos grandes. Foi nesse mesmo dia que se contaram sete bezerros mortos. A quem diga que aquele que mordeu a isca buscava qual outro bicho seria o dono do fígado roubado. Em um dos bezerros ele tentou entrar pela cabeça para fazer a devolução, no outro pelos pés e em um último pela barriga. Não consegui descobrir ao certo se ele encontrou o proprietário daquela víscera.

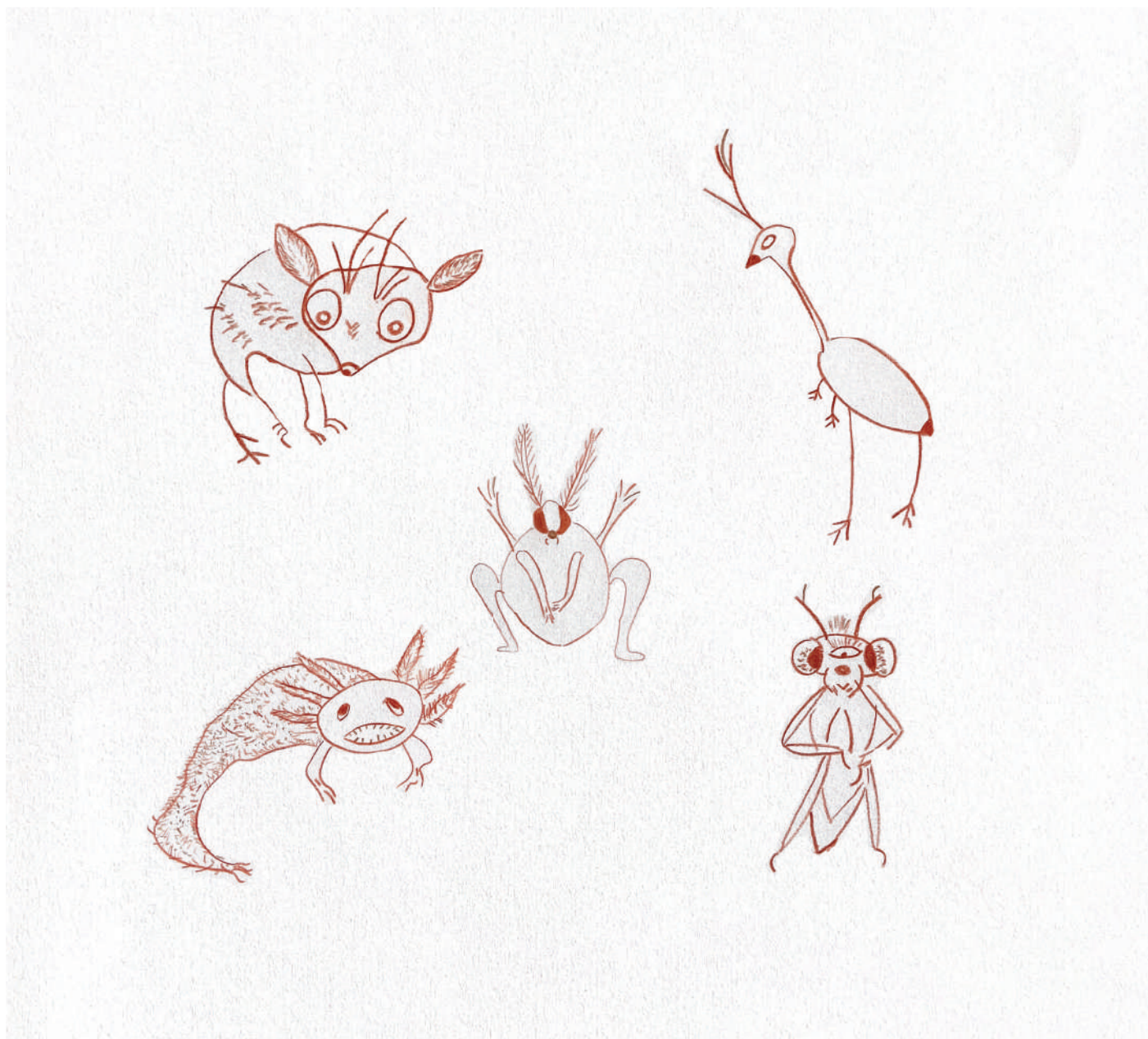
- O que cobre a pele deste macaco não é exatamente um pelo, mas um cabelo bem longo. Esse tipo de cobertura (algo entre o pelo e o cabelo) deve ter surgido em um desses laboratórios onde se transformam animais. Os olhos são iguais a dois grandes tomates, e olha que naquela época não existiam tomates grandes como os de hoje. Em uma cidade de Minas Gerais circulou junto à descrição o anúncio de recompensa: dez mil reais para quem fotografasse o bicho, vinte para quem o trouxesse capturado. Um conselho foi estabelecido para julgar a veracidade do registro ou da captura da criatura, e daí surgiu a Associação de Monstros e outras Assombrações que realizam periódicas reuniões secretas. Mas quem é que leva uma câmera fotográfica para a beira do rio? Até hoje, nem as armadilhas fotográficas, nem as grades de metal e madeira ou as lamparinas com feromônio foram capazes de capturar esse peixe, muito embora todos saibam seu endereço: a cabana de pedra, no fundo do rio, próxima a uma grande gameleira.

- Para quem consegue chegar até o fundo do rio é fácil localizar sua morada, basta seguir o caminho do que reluz: é o brilho do ouro que ele coleta em suas aventuras terrestres. São muitas as brincadeiras de sua autoria, e talvez por isso ela seja uma grande amiga das crianças. Quando alguém diz que avistou a criatura, logo correm as crianças para saber notícias e mandar recados. As crianças também costumam ajudá-la a bagunçar o ouro que é tirado de dentro do rio. E a cada brincadeira, um pouco de ouro retorna para o fundo d'água. Espalhou-se a sabedoria de que cravar uma faca no fundo do barco ajuda a espantá-la, mas pode ser também que tenha sido ela quem pediu ao vento que espalhasse a notícia para que possa ter sempre por perto uma faca para lhe auxiliar na fuga, caso fique presa por alguma rede de pesca. Ela tem personalidade vingativa e puxa para dentro do rio quem vem navegar sem trazer fumo de presente. O fumo não a impedirá de seguir o barco a distância, mas de certo não irá levar o barco para o fundo do rio. Porém, se implica com algum vazanteiro e não consegue agarrá-lo de imediato, destrói barrancos, cria buracos profundos e destrói margens.

- É sabido que quem ela quer sempre engana, inclusive a gente de longe que está na beira do rio a sua procura. Já foi vista de Januária a Barra Longa, do Peruaçu a Petrolina, mas ainda não se sabe se são todas essas a mesma criatura que vive a passeio, se gosta de mudar de cara ou se são muitos. Tem até quem diga que ela já assumiu a forma de outros bichos na mesma agilidade com que se desloca. Se nós somos muitos, ela também deve ser.

- O mal que as atinge é o mesmo que atinge os humanos. Elas têm passado fome como os ribeirinhos e por isso têm comido os peixes ou bebido o leite das vacas. Corre a notícia de que o Caboclo d'Água se juntou a Iara e Cabocla Iaiá e foi para outros lugares, fugiu.

- Fato é que até hoje as crianças não saem de casa para o rio à noite ou os adultos depois de beber, para o conforto das pessoas e dos encantados cuidadores. Quando Deus criou as coisas criou ele, ou talvez Deus era uma cuidadora que precisava que as crianças ficassem no quintal para cuidar da casa.



[13] Ilustração autoral. Belo Horizonte. Setembro de 2023.

Cuidar *com* em mundos mais que humanos

Cuidar é um verbo coletivo²² (ou, ao menos, deveria ser). Aprendi com Nadya Araujo Guimarães que na língua portuguesa costumamos usar a palavra cuidado no singular, porém em espanhol se diz “los cuidados” (ARAUJO, 2021). Este plural parece acomodar melhor a múltipla abrangência desta prática. Em português, esta única palavra ganha vários sinônimos: se responsabilizar, solucionar, supervisionar, curar, entre muitos outros. Cuidar é uma prática que é atravessada pela estruturação de políticas públicas (ou pela ausência delas), mas que também acontece na dimensão íntima e cotidiana. Nesta pesquisa, me interessei por transitar entre os modos possíveis de se cuidar de um rio: da escala institucional à escala ribeirinha de cuidado com o quintal. Para isto, é preciso acomodar o cuidado nesta dimensão mais ampla.

O que é cuidado? “É um afeto? Uma obrigação moral? Um trabalho? Um fardo? Uma alegria?”, pergunta María Puig de la Bellacasa em *Matters of care: Speculative Ethics in More than Human Worlds* (2017, p.1). Para a autora, o cuidado pode ser entendido em três dimensões: a do trabalho, a do afeto e a ética/ política. Para ela, estas três dimensões do cuidado nem sempre coexistem de uma maneira harmoniosa ou sem conflitos. Abraçando este caráter ambivalente, o cuidado é entendido neste contexto (e também nesta pesquisa), enquanto um compromisso político e um modo de se relacionar com o mundo. Imaginar o cuidado enquanto esta forma política de estar no mundo tem sido algo novo para mim. Por isso, tem sido muito valioso encontrar outras pesquisadoras e amigas²³ que têm também se interessado por estas questões e, com isso, me ajudado a movimentar meus repertórios.

Contaminar-me com as ideias de Alana Moraes e Maria Puig de la Bellacasa foi, também, essencial para que eu pudesse perceber o lugar onde a política e o cuidado se embarçam. Como ensina Moraes, “Pensar com cuidado é levar em conta cada situação particular, cada história de dificuldades, suas situações limites, mesmo quando essas preocupações não possuem a menor legibilidade nos marcos da ‘política.’” (MORAES, 2020, p.340). Para isto é essencial admitir a agência mais-que-humana.

Marisol de la Cadena me ensina que as presenças mais-que-humanas na política colocam em xeque a separação entre ‘Natureza’ e ‘Humanidade’, sobre a qual baseia-se historicamente o mundo moderno. A autora chama essa condição de “antropo-cego” e o conceitualiza como o “processo de criação de mundo por meio do qual mundos heterogêneos que separam ontologicamente os humanos dos não-humanos são obrigados a operar com essa distinção e excedê-la” (CADENA, 2018, p. 100). A catástrofe ecológica atual torna urgente a necessidade de olhar

²² Aqui faço referência ao podcast Cuidar, verbo coletivo, que foi de grande importância para as reflexões deste trabalho, principalmente durante a pandemia da COVID-19. O podcast está disponível em: <<https://open.spotify.com/show/1Jo6rtVvwsoxvecZzw7Wol?si=a3d2653c2a374cf6>>

²³ Agradeço especialmente a Daniela Faria e Núria Manresa. Amigas queridas e pesquisadoras inspiradoras que entre trocas, leituras e carícias, recolheram, diariamente, meus cacós.

para rios, córregos, e todos os seres-rios que lhes fazem companhia como seres e processos que possuem agência e do qual precisamos para existir. Segundo André Brasil²⁴, César Guimarães e Mestre Joelson Ferreira de Oliveira,

Os modos capitalistas e de exploração das naturezas e das pessoas têm se revelado ainda mais destruidores e insensíveis às vidas das comunidades ligadas à terra e ao território. Porém, têm sido junto desses grupos e de sua força de ação coletiva no presente que têm brotado alternativas de futuro.²⁵

Cuidar com é uma expressão que aprendi com Fabiana Maizza. Em *Especulações sobre pupunheiras ou cuidar com parentes-planta* (2020) a autora se junta a Bellacasa para pensar o cuidado como um modo afetivo de imaginar mundos. Nestes termos, o cuidado não é algo exclusivamente humano. Então, o que significa cuidar de um rio em sua presença e na presença de outros viventes que lhe fazem companhia? E o que significa ser cuidado por um rio?

O cuidar é reapropriado hoje pelo pensamento intelectual feminista para ser ressignificado e é assim levado tanto para o âmbito do político como para uma ética das relações mais que humanas. O cuidar se torna um experimento para pensar um mundo onde as pessoas tomam decisões na presença daqueles/as que vão encarar suas consequências, algo que Isabelle Stengers chama de ‘cosmopolítica’ (Haraway 2016, p.12). O termo cuidar se torna aqui, também, nas linhas do pensamento feminista contemporâneo, uma provocação.

(MAIZZA, 2020, p.224)

As palavras, como os viventes, transitam entre mundos e algumas parecem fazer uma viagem mais sinuosa que outras. Ao tentar habitar o cuidado em diversos mundos comecei a me perguntar, por exemplo, se dentro da narrativa do planejamento urbano hegemônico as soluções adotadas para os rios nas cidades são uma prática de cuidado. Impedir enchentes e desmoronamentos, resolver o trânsito, controlar a transmissão de doenças, preservar espécies são práticas de cuidado? E as políticas de conservação e manejo? Planejamento urbano é cuidado?

“Quem deveria decidir como tratar e usar um bem comum, como, por exemplo, um rio? As comunidades que vivem às margens desse rio, os cidadãos do país que ele atravessa ou a comunidade global que cuida de sua função em sistemas planetários?”, perguntam Mário Blaser e Marisol de la Cadena (BLASER, CADENA, 2021, p.76).

No filme que registra a cobertura do Acaba-Mundo, na Rua Professor Moraes na década de 1960, as obras eram descritas como uma “louvável iniciativa e um grande anseio da população”. O narrador do filme que registra e divulga o tamponamento conta que as obras de saneamento e embelezamento eram de interesse público. Naquela época, “anualmente no período das chuvas ocorriam grandes enchentes com reflexos danosos para as propriedades, para o tráfego e para a saúde pública”. E continua: “as obras realizadas em ritmo Brasília devem estar concluídas até o fim do mês de outubro. O objetivo é resolver em definitivo os graves problemas de enchente”.

O tamponamento do Leitão e do Acaba-mundo era entendido, naquele momento, como uma forma de solucionar

²⁴ Fico imensamente feliz de ter podido contar com o olhar cuidadoso, interessado e gentil de André Brasil durante esta pesquisa.

²⁵ Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Escolas da Terra. Saberes Tradicionais UFMG, 2021. Disponível em: <<https://www.saberestradicionais.org/artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais-escolas-da-terra/>>

os problemas do saneamento, do trânsito e das pessoas. Cuidar naquele contexto, parece ser *solucionar*. As estratégias técnicas adotadas pelos experts da época seguiam um modo desenvolvimentista de habitar o mundo. E como ensina Antônio Bispo dos Santos: “Desenvolvimento é uma variante da cosmofofia.” (BISPO, 2023, p.14). A constatação não poderia ser mais precisa: o interesse da metrópole era justamente separar o habitar do cosmos. O que outros viventes podem nos ensinar sobre os modos como cuidamos do mundo? Lembrando da provocação de Krenak, por que apenas pessoas como Sr. Nonô e Mércia são cuidadores de nascentes – não deveríamos todas ser cuidadoras dos rios?

A minha tentativa de habitar o cuidado nesta pesquisa inclui reconhecer que esta prática se aproxima de diferentes companhias em cada trânsito e que cada cuidador cuida do seu mundo à sua maneira. Porque como me lembra Núria Manresa, o cuidar é sempre relacional: alguém cuida de algo. Mas como encontrar estas costuras entre cuidadores e cuidados? Maizza conta que aprendeu com suas amigas Jarawara²⁶ que o cuidado é algo que exige esforços fenomenais para cultivar as relações na diversidade e muitas vezes na dissidência. É algo como olhar de perto, estar perto. Essas relações exigem mais do que “acomodar a diferença, coexistir ou tolerar.(...) Pensar com não humanos deve ser sempre viver com, consciente das relações incômodas e procurando uma alteridade que transforma aqueles envolvidos na relação e nos mundos em que vivemos.” (BELLACASA, 2017, p.83, apud, MAIZZA, 2020, p.226)

O cuidado é também um terreno que precisa ser constantemente tirado do lugar da idealização. Não é algo agradável, confortável, prazeroso ou que será sempre retribuído da maneira esperada. O cuidado é, nesta pesquisa, para além de uma provocação, um modo de ver e de construir alianças. “Para resistir à violência individualista, temos que tecer redes rizomáticas”, escreve Brigitte Vasallo (VASALLO, 2022, p.19). É necessário coletivizar os cuidados e os afetos para “desativar o sistema” individualista e exploratório. O caminho parece ser construir redes efetivas de cuidado como uma maneira de aliviar o peso do trabalho (que é majoritariamente exercido por mulheres, negras e do sul global) e de finalmente incluir a agência daqueles que por muito tempo a modernidade ignorou – os outros viventes, para além dos humanos, com quem partilhamos o mundo.

Ao longo deste texto busco também entender meu lugar nesta rede de afeto e cuidado. Em alguns momentos me sinto receosa, ao perceber que esta pesquisa se torna muito pessoal, mas como colocou Brigitte Vasallo “o feminismo nos explicou que o pessoal é político, e que o que estava acontecendo comigo não começava nem terminava em mim. E que uma revolução que deixe de fora os afetos será uma revolução parcial. Intermitente.” (VASALLO, 2022, p.22) Aqui, falo do cuidado de um mundo onde também me situo, e de negociações onde também faço parte (ou também sou deixada de fora) e sobre um desejo de contaminar meu modo de cuidar do mundo com outros viventes que o habitam comigo.

²⁶ O povo Jarawara habita o sul do estado do Amazonas, entre os rios Purus e Juruá.





PARTE 3:
ÁLBUNS

Chuvisco e eu

Era um fim de tarde daquele março de 2022, quando encontrei Chuvisco, às margens do Rio Peruaçu. Nosso encontro é marcado por minha tentativa de fotografá-lo, e esta não era minha primeira investida. O que este “evento fotográfico” (AZOULAY, 2008) desperta em mim? Quem eu me torno neste encontro? Donna Haraway me ajuda a elaborar esta questão. A autora se interessa por pensar o que acontece *Quando as espécies se encontram*, título de um de seus recentes livros (HARAWAY, 2022), e afirma que “Os parceiros não precedem o encontro; espécies de todos os tipos, vivas ou não, resultam de uma dança de encontros que molda sujeitos e objetos.” (HARAWAY, 2022, p.10). Em uma de minhas repetidas tentativas, consegui registrar aquele encontro entre Chuvisco e eu. Meses depois, quando não estava mais no Peruaçu, decidi imprimir algumas das fotografias de minha estadia e esta foi uma das imagens impressas. Poder vê-la em minhas mãos, ao lado de outras fotografias, me trouxe questionamentos que não tive no momento do registro. O que acontece quando eu me encontro com esta imagem? O que acontece quando imagens se encontram?

Na foto que observo impressa, estava sentada às margens do Rio Peruaçu, no quintal de Vanuza de Souza Lima e Geovane Ferreira da Hora, tutores de Chuvisco, e ele me fazia companhia de maneira voluntária naquela tarde de verão. A fotografia o captura quase na altura do seu olhar. Seus olhos encaram algo à sua frente, mas sua orelha esquerda se levantava – talvez para escutar com mais atenção o barulho do filme que corria na câmera analógica. Sua feição soava desconfiada, e até para meu analfabetismo multiespécie era evidente seu desconforto. Hoje, me pergunto porque insisti neste gesto fotográfico.

“Uma fotografia é o produto de um encontro de vários protagonistas, principalmente fotógrafo e fotografado, câmera e espectador” (AZOULAY, 2010, p.10). Como observadora, esta fotografia me gerou mais questionamentos do que enquanto quem a registrou. Chuvisco, o cachorro da imagem, tem pelo claro, rosto marrom e algumas manchas pelo corpo, umas maiores e outras menores que chegavam a parecer pontinhos. Aqueles eram dias quentes, que sucediam uma temporada de bem-vindas chuvas em janeiro e eu carregava comigo minha nada silenciosa mju.

A Olympus mju é uma câmera analógica do tipo saboneteira que herdei de um amigo do meu pai²⁷ que nunca conheci, e que a dispensou com um rolo de filme no seu interior e ainda com poses para serem fotografadas. Anos mais tarde, foi ela minha principal ferramenta de registro no território. Escolhi utilizar uma câmera analógica por uma relação afetiva que tenho com esta prática. Sinto certa afinidade com este dispositivo que dilata o intervalo entre o tempo do registro e o tempo da visualização da imagem do encontro.

Nesta câmera, um motor é responsável por fazer o filme correr entre uma foto e outra de maneira automática, e é ele também o responsável pelo barulho que torna evidente que o registro está sendo feito. Imaginei que esta praticidade, assim como a presença do flash e do temporizador, me ofereceria possibilidades de registro mais

²⁷ Herdei de meu pai não apenas esta câmera, mas a curiosidade pelos livros e estudos. Que privilégio o meu de me parecer tanto com você.

variadas. Todas as fotografias foram feitas com o filme Kodak VISION 3 50 D, um filme de cinema onde os tons de amarelo e vermelho ficam mais evidentes na imagem. A escolha foi uma cuidadosa indicação do laboratorista Bernardo Silva²⁸, que me acompanha nestas decisões e que mais tarde revelaria aquelas imagens.

Como me ensinou Azoulay, a câmera é também protagonista do evento fotográfico. “A invenção da fotografia foi a criação de uma nova situação em que pessoas diferentes, em lugares diferentes, podem simultaneamente usar uma caixa negra para fabricar uma imagem dos seus encontros: não uma imagem deles, mas do próprio encontro. Não é apenas a invenção da fotografia - é a invenção de um novo encontro entre pessoas, mas a invenção de um encontro entre pessoas e a câmera.” (AZOULAY, 2008, p.89). Segundo a autora a presença deste objeto – a máquina fotográfica – “divide os presentes em diferentes posições: aqueles que se reúnem à sua volta e reagem à sua presença, e aqueles que continuam a ocupar-se dos seus próprios assuntos; aqueles que desejam apresentar-lhe algo; outros que se dirigem diretamente à fotografia; e aqueles que se dispersam como resposta à sua invasão ou tentam bloquear o seu campo de visão”. (AZOULAY, 2010, p.12)

Diferentemente do registro com dispositivos digitais comumente utilizados por pesquisadoras (que conseguem armazenar imagens “espontâneas” ao clique de um botão e sem que o registro seja notado) a mju deixava evidente o momento fotográfico. Este característico barulho, do filme correndo na câmera, tornava necessário que, muitas vezes, se estabelecesse uma negociação, um aviso ou um acordo prévio para que as fotos fossem tiradas. A verdade é que algumas das vezes percebi que este processo era uma negociação e, outras, uma imposição de minha parte, a depender de quem era fotografado. Procurei ser bastante cuidadosa nos registros que envolviam humanos – embora saiba que nem todas as vezes esse cuidado foi suficiente para evitar possíveis violências.

Porém, quando fotografei aqueles que não são humanos, fui refém da minha incapacidade de negociar com esses múltiplos viventes. Talvez seja por isso que, das 152 fotos que tirei, em apenas 15 aparecem humanos. Uma das vítimas da minha pouca diplomacia multiespécie foi Chuvisco. Para mim, era evidente que o gesto fotográfico gerava incômodo, seja pelo barulho que a câmera fazia ou com o registro em si. Porém, sua presença foi marcante para mim nos dias em que estivemos juntos e queria registrá-la. Afinal, como poderia o Chuvisco se recusar a participar de minha pesquisa? Eu o queria aqui!

Chuvisco me fez questionar meu direito fotográfico. Eu poderia ter questionado seus tutores sobre a autorização para a foto, mas não o fiz. Mesmo que fizesse, não acredito que eles poderiam responder por ele. Numa busca insuficiente e sutil de reparação, trago aqui essa imagem modificada, removendo quem me pareceu não querer estar ali. Em uma primeira tentativa [14], adiciono um desenho de Chuvisco, mas me pergunto se este não é, também, um movimento violento. “Remover, mas adicionar?” Perguntou Renata Marquez de maneira precisa, ao se deparar com esta primeira imagem. Afinal, recoloco Chuvisco na imagem, à minha maneira e perpetuo a violência inicial de mantê-lo na fotografia.

²⁸ Agradeço a Bernardo, querido companheiro, pelo cuidado nestes e outros tantos diálogos responsáveis que foram essenciais para as discussões aqui descritas. Celebro a alegria do nosso encontro e a disposição cotidiana de sustentá-lo.



[15] Fotografia e intervenção autorais. Belo Horizonte. Novembro de 2023.

Em uma segunda tentativa [15], procuro removê-lo da imagem, mas seu rastro permanece na fotografia (em grande parte pela minha pouca habilidade de edição fotográfica). De toda forma, não deixo de estranhar o gesto, já que o associo às inúmeras vezes que viventes (humanos e mais-que-humanos) são removidos das fotografias e os ângulos são milimetricamente ajustados, Para que caiba no quadro apenas o que deve ser mostrado²⁹. Continuo a questionar a violência do evento fotográfico e se esta imagem deveria mesmo estar aqui. Afinal, retiro Chuvisco, num gesto ensaiado como a técnica que retira aquele que se opõe ao registro, mas mantenho outros tantos seres-rio não só nesta, mas em outras imagens que povoam as próximas páginas deste trabalho.

As fotografias não são apenas registros. Ariella Aïsha Azoulay me ajuda a pensar nelas como objetos sociais resultado de um encontro entre pessoas humanas, e, acredito, também mais-que-humanas, que se juntam em situações diversas, nos termos da autora essa reunião configuraria um “evento fotográfico” (AZOULAY, 2022). São diversas vidas e permanências que fazem de uma foto não apenas uma foto e Azoulay afirma que para que esse evento seja reconhecido enquanto um direito legítimo é preciso que ele seja “materializado em um mundo comum” (idem).

²⁹ Quem me motiva a pensar sobre as maneiras como as fotografias são tiradas, compartilhadas, arquivadas e sobre o que antecede o momento fotográfico é Priscila Musa, na distinta tese *Quem vê cara não vê ancestralidade: arquivos fotográficos e memórias insurgentes* (MUSA, 2022).

“Animais não são menos que humanos, eles são outros mundos, cuja mundialidade não deve ser cortada para se adaptar ao nosso tamanho, mas deve ser respeitada pelo que é”³⁰, diz Barbara Noske na epígrafe do texto de Donna Haraway *Otherworldly Conversations; Terran Topics; Local Terms*, e que tomo emprestada aqui (HARAWAY, 2003). De fato, Chuvisco é um outro mundo. Porém, me pergunto como aprender a estabelecer com ele e, também, com outros humanos habitantes de outros mundos “conexões parciais” que nos permitam construir acordos e negociações de coabitação que nos permitam cuidar do mundo que partilhamos. Com Marisol de la Cadena, em conversa com Donna Haraway e Marilyn Strathern, aprendi que as conexões parciais assumem equívocos tradutórios entre mundos e parecem oferecer uma pista para entender como estes mundos podem se sobrepor ao mesmo tempo em que se excedem, permanecendo distintos. Afinal, como afirma Cadena, “o mal-entendido é um problema quando a intenção é que o entendimento seja um só.” (CADENA, 2015, p.214)

Para além daquilo que é comum existe algo que excede a comunalidade e a compreensão mútua. Algo incomum. E como também me ensinou Marisol de la Cadena, é importante sustentar esta divergência entre mundos. Como em seu trabalho etnográfico junto aos *runakuna* Nazario e Mariano Turpo no Peru, talvez seja possível “utilizar as ferramentas de cada um dos nossos mundos para compreender o que podemos sobre o mundo do outro e criar um espaço partilhado que também foi feito por algo que é incomum para cada um de nós” (CADENA, 2015, p.10).

Depois de me fazer questionar sobre a violência originária dos momentos fotográficos, penso que os dois exercícios com a fotografia de Chuvisco são, além de um gesto de hesitação, uma maneira de pensar sobre a aparição dos muitos viventes nos arquivos. Investigar estas possibilidades de escuta e negociação de imagens entre mundos incomuns se tornou para mim também um modo de alargar meu repertório político e ensaiar novas práticas de cuidado com o mundo.

Quando as imagens se encontram

Aquela foi a primeira das muitas noites quentes em que estive em Januária. Eu acabava de voltar do meu primeiro encontro com o São Francisco. Do lado de fora da cozinha, onde Gley e eu conversávamos, contei como achei impressionante aquele Rio, tão grande! Foi a primeira vez que vi um Rio com extensão de mar, onde quase não é possível ver o outro lado. Gley me perguntou se em Belo Horizonte também tinha Rio. Contei para ele do Arrudas, do Onça, do Acaba-mundo e, em meu celular, mostrei o filme que registrava o tamponamento do Leitão. [6] Gley, que também é fazedor de filmes sobre as águas, se impressionou com aquelas imagens. Mais de um ano depois, em 2023, em um dos almoços que dividimos em minha casa, ele me perguntou se eu ainda me lembrava daquele filme, porque ele ainda pensava sobre aquele registro.

Minha visita ao Peruaçu poderia ser descrita no que é definido por Gley como um “gesto livre”. Ainda estava no começo da minha pesquisa e os interesses se misturavam: pesquisa do mestrado, distribuição do Jogo Temporão e o encontro com amigos queridos com quem eu correspondia a distância já havia algum tempo. De volta a Belo

³⁰ (NOSKE, 1989, p. xi apud HARAWAY, 2004, p. 141).

Horizonte, o trabalho de escrita se tornou confuso e desafiador. Parti do desejo de enviar algumas das fotografias em formato impresso para Nelinda e comecei a revisita-las para montar um álbum que iria viajar de volta para o Peruaçu. A vontade de que as fotos fossem enviadas de maneira impressa partiu de Nelinda, que colecionava álbuns há muitos anos e se sentia mais segura em ter as fotos impressas. Renata Marquez me ajuda a refletir sobre este movimento, quando, em companhia de Adriana Galuppo, Louise Rochebois e Priscila Musa, no texto *Três Fotografias*³¹, pergunta: “O que significa imprimir uma imagem hoje, restituindo sua materialidade no mundo, no intuito de ampliar seu campo de relações?” (MARQUEZ, 2019, p.357). Que encontros surgem do retorno da imagem à materialidade? Que tipo de movimento pedagógico surge nas conversas a partir da montagem de álbuns?

A partir da construção deste álbum que viajaria de volta para o Peruaçu, o álbum viajante, [16] o movimento de selecionar e criar vizinhança entre imagens se tornou, para mim, uma maneira de tentar costurar atravessamentos. Este primeiro gesto de criar vizinhanças entre imagens de contextos e arquivos diversos, como do Peruaçu na Manzuá [9] e do Cercadinho [12], se desdobrou em um segundo gesto: a montagem de álbuns. As conversas com minhas companheiras começavam com os álbuns que eu já havia montado e, junto dos repertórios e arquivos de cada companhia, meus álbuns ganhavam novas composições que estremeciam minhas investigações. Esta própria dissertação, em sua primeira montagem na forma do texto de qualificação, se tornou um dos álbum que utilizei para conversar com minhas companheiras.

Das fotografias que visitamos juntas surgiram comparações entre imagens, histórias e vontades de adicionar novos registros. “Que gesto de montagem abriga um álbum de fotografias?”, pergunta ainda Renata Marquez (idem). Nesta pesquisa entendi o gesto de criação dos álbuns como um método, uma maneira de pesquisar e, também, um movimento que antecede a escrita e a torna possível.

Parto, assim, da incapacidade paralisante de escrever sozinha e, inspirada pelo exercício das “três fotografias”, faço das imagens minhas companheiras para junto delas convidar outras companhias humanas e mais-que-humanas para conversar comigo neste texto. Além das fotografias, outras múltiplas grafias povoam nossos repertórios e imaginários. Filmes, vídeos, áudios, jogos, músicas, desenhos, entre tantas outras grafias impressas e outras dezenas de imagens guardadas digitalmente. Considero todas essas múltiplas grafias eventos políticos carregados de intenções e parcialidades.

Deste exercício inicial da construção de vizinhança entre imagens surgem álbuns de encontro: com as questões de pesquisa, mas também, com as companhias que, generosamente, constroem os álbuns comigo. Assim, para além do encontro fotográfico que, nos termos de Azoulay, originou a fotografia (AZOULAY, 2019), investigo também os encontros que podem se dar quando, na companhia das minhas companheiras de pesquisa, revisito as fotografias que fiz, construo entre elas coleções de imagens vizinhas, e junto a elas outras grafias possíveis.

³¹ Neste experimento, Renata Marquez, em companhia de Adriana Galuppo, Louise Rochebois e Priscila Musa, visitam o arquivo fotográfico da fotógrafa baiana Aracy Esteves Gomes no intuito de ativá-lo utilizando o método do travelogue aplicado à imagem. Renata entrega em mãos três fotos impressas do acervo de Aracy num experimento de arquivo/ olhar/ escrita que propõe a criação de novas legendas para cada uma das imagens. A partir do encontro dessas três imagens com os olhares convidados, Renata imagina a montagem de um álbum e discute o que surge desse gesto.

Com as imagens impressas construí, primeiramente, dois avizinhamentos que deram origem aos capítulos Lama e Lírios deste trabalho. Pouco tempo depois, recebi a visita de Gley. Nós não nos víamos desde o mês de março que passamos juntos no Peruaçu e, assim que nos encontramos, me disse que estava muito animado para ver as fotos da nossa câmera.³² Depois de um almoço em minha casa, colocamos as fotos impressas na mesa e conversamos sobre cada uma. Contei sobre o álbum viajante que estava construindo para enviar para Nelinda e sobre os outros dois álbuns que havia montado. Durante a conversa, Gley criou novos agrupamentos de imagens, construindo seus próprios álbuns.

Também adicionou imagens, narrativas e complexidades aos álbuns que eu havia construído. Sua edição adicionou aos álbuns outras das minhas fotografias, para além das que eu havia escolhido primeiramente, mas também outras grafias, como filmes que ele mesmo havia produzido. Esta montagem de Gley foi a que deu origem ao capítulo Mina. O álbum deixou de ser apenas de minha autoria. Neste movimento, comecei a me questionar sobre quais outras imagens também fariam parte dos álbuns.

O que cabe em um álbum? Quais grafias ele consegue abrigar? Cabem todas as múltiplas linguagens e grafias que têm acompanhado esta pesquisa? Como tornar as imagens e os processos que conto parte deste texto? Como escrever em companhia de muitas gentes e muitas grafias? E de múltiplos viventes? Trazer essas multiplicidades para o texto me parece especialmente importante porque não vejo sozinha. São as grafias e questões que minhas companheiras de pesquisa adicionam aos álbuns que, como sugere Fabiana Bruno³³, me fazem ver. Para a autora, as pesquisas com imagens “implicam rigorosos ‘atos’ e ‘movimentos’ de trabalho: olhar, selecionar, cortar, reenquadrar, deslocar, associar, imaginar, montar e dispor de maneira a ‘fazer ver’” (BRUNO, 2019, p. 200).



[16] Fotografia autoral. Belo Horizonte. Abril de 2022.

³² Este não foi o primeiro momento que a câmera não era mais apenas minha, mas nossa. Ao longo do nosso mês juntos, meus companheiros de pesquisa humanos frequentemente se referiam a câmera como nossa.

³³ BRUNO, Fabiana. Potências da experimentação das grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens. *Tessituras: revista de Antropologia e Arqueologia*. v. 7, p. 198-212, 2019.

De fato, são os encontros (com as imagens e com minhas companheiras) que me fazem ver armadilhas e caminhos e onde consigo criar repertórios outros. A autora afirma, ainda, que os experimentos com imagens “devem levar em conta sua presença como resíduos, vestígios, exercícios, memórias, imaginação, histórias, questões passadas e profecias futuras”. E que também essas múltiplas grafias atuam diretamente nos “modos de ver, mas também de imaginar e de narrar” (BRUNO, 2019, p. 201). Aproximar essas diversas imagens é uma tentativa de construir uma pluralidade de narrativas. Este trabalho não é, assim, uma busca por apaziguar diferenças e construir uma certeza universal e imparcial. Não pretendo que os álbuns me ajudem a encontrar verdades únicas, mas que, pelo contrário, me façam ver múltiplas posições e me ajudem a suspender minhas certezas.

A multiplicidade de narrativas que surgem na construção do álbum me ajuda, então, a desconfiar das histórias únicas. Antônio Bispo dos Santos nos lembra que a história contada só por um lado não é história, é ficção (BISPO, 2019). Muito longe de narrativas únicas e imparciais, imagens possuem múltiplas camadas: de narração e de violência. Voltando a pensar na fotografia, por exemplo: que tipo de negociação aconteceu entre quem fotografou e quem foi fotografado? Quais foram os termos do acordo? Houve acordo? Ou foi uma imposição como a que aconteceu entre Chuvisco e eu? Na conversa com as imagens, mais uma vez Ariela Azoulay me lembra como as imagens podem ser violentas e destruidoras de um mundo comum. Essa violência não passa apenas pelo momento do registro, mas também pelos modos de circulação do que foi capturado.

A violência de exigir que tudo seja mostrado e exibido ao olhar é apagada e negada quando o direito em questão é somente o direito de ver. Se o direito de não exibir tudo – que existia em diversos lugares invadidos pelos agentes imperiais – fosse respeitado, um direito universal de ver que contempla a ‘todos’ e franqueia acesso ilimitado ao que existe no mundo não poderia ser fundado.
(AZOULAY, 2019, p.121)

Nem tudo deve ser compartilhado com todas as pessoas e é preciso alinhar os acordos sobre a partilha das experiências. Em uma conversa com Nelinda, perguntei sobre compartilhar nossas trocas, e ela me disse que nada do que conversávamos era segredo e que gostaria que nossos diálogos circulassem. O álbum implica edição e um compartilhamento público (MARQUEZ, 2019, p. 358). O compartilhamento edita o próprio gesto de montagem e surgem novos encontros, imaginários e repertórios.

Minhas montagens não formam coleções tão preciosas quanto os belíssimos conjuntos elaborados por Karl Blossfeldt. Mas aprendo com ele e com André Brasil sobre a importância de olhar para os detalhes. Não tenho rigor quanto ao formato ou exigências aos tipos de imagem que serão aceitas. Os arquivos que frequento são “arquivos frouxos”, como me ajudou a nomear Renata Marquez. São imagens de álbuns de família, registros históricos, de câmeras de segurança, fotografias de arquivo pessoal, filmes de arquivos públicos disponíveis no Youtube, vídeos compartilhados em Whatsapp, filmes produzidos por cineastas locais, entre outros. Estes arquivos não têm datações ou autorias precisas. Não estão organizadas por temas, épocas, ou localizações. Para esta pesquisa decidi lidar com estes arquivos com as imprecisões que os constituem.

De toda maneira, como me ensinam Priscila Musa, Saidiya Hartman ou Ariella Azoulay, até mesmo (e especialmente) os arquivos formais são extremamente imprecisos. Em meu trânsito entre arquivos percebo que as imagens das grandes “atrações turísticas” são as que mais aparecem. Vídeos institucionais, roteiros, e belas edições.

A ausência do cotidiano brejeiro nos arquivos diz muito sobre as visualidades hegemônicas.

Escolho ocupar esta dissertação com imagens em múltiplos formatos. Fazer com que estas grafias naveguem junto do texto é um grande desafio para mim. Neste experimento, escolho iniciar cada álbum com as imagens que foram disparadoras de sua construção, e novas grafias são adicionadas na medida em que as questões que elas movimentam encontram as do texto. Assim, as imagens não aparecem, necessariamente, na ordem em que foram produzidas, mas no tempo em que imagem e texto convergem.

Nas coleções que construo, não tenho tamanha precisão de estruturação das legendas, como no caro trabalho de Bertolt Brecht³⁴. Aqui, a descrição da imagem acontece ao longo do próprio texto e parto do que aparece e excede a imagem construir minhas questões. Neste sentido, tomo como um grande gesto inspirador os álbuns construídos por Saidiya Hartmann, que me ensinam a “compôr e reconstruir, improvisar e aumentar” com os registros. Como a autora afirma, “Todos são métodos para envolver e refazer o documento, para construir uma história a partir de amostras de declarações, fotografias, fragmentos e vestígios sonoros, para atender ao pensamento radical da vida quotidiana” (HARTMAN, 2020).

Cada capítulo é, assim, articulado em um álbum que aponta os encontros entre meus “arquivos frouxos” com os de minhas companheiras e registra as questões que movimentaram nossas conversas. Este texto assume, assim, uma forma de um álbum-dissertação ou uma dissertação-álbum, habitando uma configuração possível entre estes dois formatos e deixando as lacunas próprias de um texto (e de uma pesquisadora) que não se adequa.

O álbum viajante chegou ao Peruaçu. Deixei nele páginas em branco e Nelinda me contou que já adicionou a ele novas fotografias, mas que deixou espaço para que possamos adicionar, juntas, outras mais. Recentemente, ela me pediu que, quando possível, enviasse outras fotos. Como no álbum viajante, deixo nesta dissertação também muitos espaços, porque Renata Marquez (MARQUEZ, 2019) me ensinou que a incompletude do álbum é importante. Que é essa lacuna que convida “outras presenças, conversas e significâncias” (idem). Como os álbuns, este texto também apresenta primeiras aproximações e deixa espaços para elaborações que estão em processo. O exercício de avizinhamo de imagens continua, à medida que reviso os movimentos de pesquisa e adiciono aos álbuns novas grafias. Retomando Ariella Azoulay, coloco a pergunta que motiva este avizinhamo de imagens neste texto: se as ferramentas técnicas e oficiais de registro não são mais suficientes para, sozinhas, cuidarem do mundo danificado, quais outras estratégias imagéticas podem cuidar ou, ainda, reparar o mundo que partilhamos?

³⁴ Bertold Brecht em *ABC da Guerra* (2007), assim como em outros de seus trabalhos, faz uma singular articulação entre imagem e legenda, na qual, uma nova peça provocativa da composição entre fotografia e texto.





↑ [17] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

PARTE 4:
PARQUE

Lama, onde posso molhar meus pés



A cada vez que cruzávamos o Rio Peruaçu, suas águas invadiam meus sapatos furados e as carregava por um tempo comigo, até que escorressem e voltassem a encharcar a terra. Neste movimento, eu descumpria uma das primeiras regras do Parque: não tocar as águas do rio Peruaçu. Esta regra é apresentada ao visitante logo no vídeo de abertura do Parque, vídeo que é obrigatório ser assistido antes da visita. As águas intocáveis do Parque contrastavam com as do quintal onde me hospedava, e que pouco tempo antes molhavam os meus pés. Águas do mesmo rio, e que lá eram morada de patos, jacarés, sucuris, caboclos d'água, peixes que mordem os pés e outros seres-rios que meu analfabetismo cosmofóbico³⁵ não sabe nomear.

De alguma forma, essa primeira imagem me impressiona, e talvez seja por isso que comecei este álbum com ela [18]. Muito mais do que pelo contraste de texturas e cores, ou pelos tons de rosa e verde que sempre gostei de buscar nos filmes fotográficos, esta imagem me prende porque traz a grandiosidade do lugar onde a fotografia foi tirada. Estava no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu e tudo era tão extenso que meu olhar não parecia se ajustar. Meu corpo se curvava para que conseguisse ver tudo à volta. Em um contorcionismo para trás, me inclinei para que meus olhos pudessem ver no alto a Perna da Bailarina - a maior estalactite do mundo. Aquela formação rochosa tinha uma escala tão grande e contrastante com minha baixa estatura que os vinte e oito metros da estalactite para mim não pareciam mais do que cinco.

Neste álbum junto, à primeira foto, uma segunda [19] e uma terceira [20], ambas tiradas no quintal que mencionei mais cedo. Este quintal sobre o qual conto, é da casa em que eu me hospedava e que foi construída por Vanuza e Geovane para receber turistas, pesquisadoras e outros visitantes. Na primeira imagem [18], percebo que um terço da foto é tomada pelo Rio Peruaçu. Na segunda [19], ele ocupa metade da imagem. Corre com espaço entre árvores e pedras. Na terceira [20], ele toma toda a imagem e se mistura com os meus pés. Não fui a única intrigada com a impossibilidade de se tocar as águas do rio no parque. Gley me conta que em sua última visita se aproximou do rio, viu seu reflexo na água e molhou o rosto com suas águas. Ao conseguir ver seu reflexo na água cristalina, avizinhou em sua cabeça o Peruaçu com Pinheiros, o último rio que ele tinha se aproximado.

Segundo contam foi este rio, o Peruaçu, que junto de ventos, chuvas e outros seres, construiu as cavernas que hoje fazem parte do parque. A área do Parque, de cerca de 56 mil hectares, atravessa os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões. A água do rio passou pelo filamento de calcário por milhões de anos, esculpindo as cavernas. Hoje, elas são consideradas um patrimônio espeleológico e arqueológico³⁶ de grande importância. O Parque se encontra em uma zona de transição entre os biomas do Cerrado e da Caatinga o que gera uma grande variação ambiental, possibilitando que ele seja morada de uma grande variedade de espécies.

³⁵ Mais uma vez, quem diagnostica minha condição é Antônio Bispo do Santos que no texto *Somos da terra ensina que cosmofobia é uma doença criada pelo Deus monoteísta, o medo do cosmo* (BISPO, 2018).

³⁶ A espeleologia é a ciência que estuda as cavernas, sua formações e seus habitantes. Já a arqueologia, estuda como os vestígios deixados pelos habitantes passados repercutem no presente.



[19] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.



[20] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Para as gentes humanas que gostam dos documentos de papel, a proposta de criação do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu começou em 1986, mas o documento que criou a Unidade de Conservação de Proteção Integral é de 1999. A criação pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA) aconteceu por meio de um acordo de compensação entre o Ministério Público Federal e a empresa italiana fabricante de carros Fiat. A empresa assinou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), depois de ser multada por uma das linhas de automóveis emitir mais poluentes do que a legislação permitia. Depois disso, houve um longo processo de levantamento de dados, construção de infraestruturas e do Plano de Manejo³⁷.

Rodrigo Magalhães foi quem primeiro me contou esta história. Entre 2006 e 2007, ele trabalhou como estagiário da Secretaria de Cultura de Januária por alguns meses, como parte do seu estágio obrigatório no curso de Turismo da UFMG. Na nossa conversa, compartilhamos nossos arquivos fotográficos. Avizinhamos nossas imagens e experiências e ele me contou sobre a temporada em Januária. Parte do trabalho era participar dos estudos para demarcação das trilhas do parque. O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (PNCP) tem uma estrutura de visitação mais robusta do que outros parques. Trilhas abertas, pontes, passarelas e corrimãos deixam as caminhadas mais agradáveis e seguras para os visitantes. As estruturas também evitam que algumas estruturas naturais do parque sejam danificadas pelo pisoteio dos turistas. Na Caverna do Janelão, por exemplo, uma ponte foi construída para auxiliar os visitantes a conseguirem atravessar o rio [22].

Para Rodrigo, atravessar o rio não era uma experiência exatamente prazerosa. A correnteza é forte e o chão lamacento. Os pés afundam, a água se mistura com a terra, e não é fácil entender onde se está pisando. O fundo do rio tem muitos sedimentos, que se movimentam enquanto caminhamos. A textura é irregular e estranha. Não se coloca os pés no rio Peruaçu como quem molha sutilmente os pés para se refrescar. A lama se impõe e, como quem chama para um aperto de mão, nos puxa para dentro.

Rodrigo conta que era preciso entrar repetidas vezes no rio para poder definir o caminho que seria acessível aos visitantes, e os momentos de travessia eram sempre marcantes. Talvez por isso, entre aranhas, folhagens e pinturas rupestres, os registros das travessias no Peruaçu são frequentes em seus arquivos [21]. Os pés na água, como os meus. A travessia dos pesquisadores de uma margem a outra. Ao ver as imagens dos meus arquivos, Rodrigo se lembra que tem uma foto exatamente no mesmo lugar [22] e [23]. A ponte não existia, a travessia era traiçoeira. Gley também se interessa por esse avizinhamento. O contraste entre o volume de água em cada um dos momentos nos chama atenção. Os moradores contam que a quantidade de água do Peruaçu tem diminuído muito ao longo dos últimos anos. Gley lembra, no entanto, que esta pode não ser a única razão para o contraste na quantidade de água entre as duas imagens. É preciso saber em qual época do ano a foto foi tirada, porque o volume das águas do Peruaçu aumenta muito no tempo das chuvas. A quantidade de água preocupa os moradores, como Nelinda e Sr. Zé, que desenvolveram sistemas para conseguir medir a quantidade de água de chuva.

³⁷ O Plano de Manejo é um documento técnico que define as normas de uso de uma determinada Unidade de Conservação.

O trabalho de Rodrigo incluía visitas ao PNCP, mas também a participação em algumas das reuniões que aconteceram com a comunidade. O processo foi demorado e gerou muita expectativa na comunidade. Dizia-se que as pessoas seriam removidas, mas que viriam investimentos para a região e que isso geraria renda para os moradores. Porém, como me lembra Rodrigo, o turismo nos parques é uma atividade muito específica, e o retorno financeiro para os moradores, lento e incerto.



[21] Fotografia de Rodrigo Magalhães. Vale do Peruaçu. Sem datação.

Moradores como Nelinda, Zé Torino, Vanuza e Geovane construíram em suas casas espaços para receber visitantes. Nelinda tem me contado sobre a construção do espaço para hóspedes em sua casa desde 2020. A construção tem sido feita aos poucos, no tempo do dinheiro chegar e do buriti cair. Junto da primeira foto em abril de 2021 [24] ela me conta com alegria que estão preparando o espaço e que vai poder me receber com maior conforto quando eu for visitá-los. Já na imagem enviada em julho de 2023 [25], ela me conta que a vedação do segundo andar está quase pronta e que estão só esperando as últimas varetas de buriti caírem para poder finalizar. Elogio a pintura azul, que ainda não existia quando me hospedei e ela me conta que a escolha da cor foi feita por Isabela. Nelinda também me diz que não tem recebido tantos visitantes. A maioria das pessoas que se hospedam são pesquisadoras como Rodrigo e eu.



[22] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.



[23] Fotografia de Rodrigo Magalhães. Vale do Peruaçu. Sem datação.

Marisol de la Cadena em seu livro *Earth Beings Ecologies of practice across Andean worlds* (2015) me faz pensar sobre como é delicada a relação entre turismo e os povos das águas, do campo, das florestas e das montanhas. Como no caso runakuna relatado por Cadena, por exemplo, o mercado turístico não conserta estradas no Peruaçu, ou propicia transporte público adequado entre as comunidades. Não apenas porque os turistas só frequentam estas estradas pontualmente e muitas vezes utilizando grandes carros com tração 4x4, mas também porque a inacessibilidade faz parte da construção da imagem do parque como uma reserva de natureza intocada. Enquanto isso, nos períodos de chuva as crianças têm as aulas canceladas porque o ônibus não consegue se deslocar até a escola, e os moradores sofrem acidentes nos deslocamentos. “A paisagem local, estéril e incapaz de sustentar economias camponesas, tornou-se uma atração turística, uma potencial fonte de renda – sua aridez é atraente para aqueles que não têm que extrair o sustento da terra, para aqueles para os quais ela é uma paisagem” (DE LA CADENA, 2015, p. 175).

Malcom Ferdinand, engenheiro ambiental e cientista político da Martinica, me ensinou que onde se lê ecologia deveria se ler justiça. O autor aproxima os movimentos anticoloniais, antirracistas e feministas, e reconhece que todos apontam para as dominações em curso na modernidade que violentam outros humanos e não humanos. “Se falo de uma ecologia decolonial é porque acho que também exista uma ecologia colonial. Uma maneira de dar sequência à colonização através de um tipo de política ambiental”, diz o autor em entrevista a Leonardo Ávila Teixeira³⁸.

A criação de parques nacionais é uma estratégia internacional e que segue um caminho tortuoso. Ferdinand me ajuda a pensar como esta prática se associa à ideia de dividir o mundo entre áreas que serão conservadas e áreas que serão danificadas. Afinal, só é preciso criar unidades de conservação porque uma parte dos humanos entende todo o mundo como uma grande zona de destruição.

Na prática, a perspectiva ambientalista do retorno à natureza traduziu-se frequentemente por uma gramática colonial, visando se apropriar violentamente de um espaço e nele projetar com força as fantasias e os modos de ocupação de um grupo sobre o outro. Esse é o caso da ideologia da *wilderness*, na qual a criação de parques foi sinônimo da expulsão não apenas dos ameríndios nos Estados Unidos mas também de comunidades locais na Índia, na Tanzânia e na África do Sul. A imposição colonial da visão de uma natureza virgem, o zelo missionário de conservadores em busca do paraíso perdido ou, ainda, o entusiasmo turístico por uma África à imagem e semelhança do filme *O rei leão* produziram reservas e parques naturais que são pensados contra os povos historicamente presentes. Pode-se, portanto, tranquilamente, subir o Quilimanjaro ou fazer um safári no Serengeti sem se preocupar com o uso de pesticidas que violentam esses outros humanos e não humanos nas imediações, esses outros considerados fora-da-natureza. A cumplicidade entre o retorno à natureza e a ideologia colonial é encontrada em inúmeros exemplos.

(FERDINAND, 2022, p.218)

³⁸ Disponível em: <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/03/18/alem-do-greenwashing-escritor-alerta-para-riscos-de-uma-ecologia-racista.ghtml>



[24] Fotografia de Nelinda Gonçalves. Vale do Peruaçu. Abril de 2021



[25] Fotografia de Nelinda Gonçalves. Vale do Peruaçu. Julho de 2023

Foi no século XIX que surgiram as primeiras áreas legalmente protegidas. Mark David Spence estuda os processos de construção de parques nacionais e as violações aos povos originários decorrentes destes processos e afirma que “A natureza selvagem desabitada teve que ser criada antes que pudesse ser preservada, e esse tipo de paisagem tornou-se materializado nos primeiros parques nacionais” (SPENCE, 1999, p. 4 apud Fisher, 2000, p.227). Apoiando-se na ideia de “separação entre o mundo preservado e o danificado” surgiu o Parque Nacional de Yellowstone, em 1872, nos Estados Unidos. A criação de Yellowstone foi um marco histórico desse tipo de política (COIMBRA, 2019). O objetivo deste tipo de política era preservar alguns poucos lugares da destruição em curso pelo mundo urbano industrial e, como conta Ferdinand, preservar algumas regiões com notável beleza cênica para serem admiradas.

Entender o contexto do surgimento de parques como Yellowstone é importante porque foram estes processos que serviram como base para a construção das políticas sobre áreas preservadas no Brasil, que, posteriormente, deram origem à construção de parques como o PNCP. Paulo Ricardo de Andrade Coimbra estudou as contradições nos processos de formação dos parques em Minas Gerais e em *Desterritorialização e conflitos em parques em Minas Gerais* (2019) afirma que “Apesar de algumas críticas em relação ao modelo do Parque de Yellowstone, vários países criaram suas áreas protegidas baseados nesta mesma concepção, inclusive o Brasil, que em 1937, com base no Art. 9o do Código Florestal de 1934, instituiu o seu primeiro Parque Nacional, o de Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro.” (COIMBRA, 2019, p.1).

A partir de 1940 aconteceu uma sequência de encontros que definiram as diretrizes internacionais para serem adotadas na instituição de parques nacionais, como a Convenção para Proteção da Flora, da Fauna e das Belezas Cênicas naturais dos Países da América (1940) e o Primeiro Congresso Mundial de Parques Nacionais (1962). Coimbra conta que estes eventos tinham como objetivo “sistematizar e avaliar dados e experiências, propondo diretrizes que auxiliassem os países a alcançar a conservação de sua biodiversidade, além de atuar no processo de definição e atualização conceitual das Áreas Naturais Protegidas”(COIMBRA, 2019, p.14). Essa “ideia conceitual” de Áreas Naturais Protegidas continuava pautada no conceito de *wilderness*, ou seja, de uma natureza inabitada e cênica que deveria ser protegida da destruição industrial. Coimbra afirma, ainda, que esta ideologia teria sido concebida a partir de uma doutrina cristã, e de um desejo de retorno a um paraíso.

O autor conta que apenas em 1982, no Terceiro Congresso Mundial de Parques Nacionais, que aconteceu em Bali, na Indonésia, as demandas das populações tradicionais começaram a ser discutidas nestes encontros. Foi nesse momento, também, que começaram a ser pensadas possibilidades de preservação que fossem menos restritivas à ocupação humana, muito embora não tenham acontecido, na prática, grandes mudanças.

Construir encontros e políticas internacionais são instrumentos muito importantes. Eles permitem (ou, ao menos, deveriam permitir) uma troca de experiências entre diferentes contextos. Também conseguem, de certa maneira, pressionar mudanças em países que estejam operando fortes políticas de destruição. Porém, desconfio destas ferramentas como a única forma de cuidar das águas. Acredito que as ferramentas institucionais são insuficientes para construir, sozinhas, a composição de cuidados que o mundo danificado precisa. É preciso que outras práticas de cuidado cotidianas e ancestrais ganhem espaço e contaminem as políticas públicas. Afinal, estes encontros podem ser uma oportunidade de discussão e de definição de estratégias para que se possa inserir outras lógicas de cuidado dentro da estrutura em que as grandes políticas institucionais operam.

Estes modelos de cuidado internacionais constroem um falso inimigo comum e buscam soluções universais e replicáveis, mas existem diversas armadilhas nessas tentativas. As alternativas propostas são, muitas das vezes, técnicas e compensatórias, como se toda ação de destruição pudesse ser compensada em algum lugar, provavelmente naquele mais conveniente ao capital. Certos habitantes do mundo são, então, convocados a modificar suas vidas para que outros habitantes possam prosseguir com sua existência exploratória.

Mas existe intencionalidade nestes mecanismos de preservação mundiais. Silvia Federici ensina que “Sob o disfarce de proteger a biodiversidade e conservar os “comuns globais”, o Banco Mundial transformou florestas tropicais em reservas ecológicas e expulsou as populações que há séculos tiravam sustento delas, enquanto as tornava disponíveis para pessoas que não precisavam delas para sobreviver, mas podiam, por exemplo, pagar pelo ecoturismo.” (FEDERICI, 2019, p.306).

Ou seja, com o objetivo de preservar certas áreas, remove-se habitantes de suas margens que não apenas não contribuem com sua destruição, como têm papéis muito importantes na manutenção destes espaços. A remoção dos habitantes humanos preserva, deste modo, a ideia de uma *natureza intocada* e continua a negar a existência de formas de se habitar o mundo em companhia das águas, diferentes da forma moderna imperial.

Para mim, investigar este percurso histórico foi importante porque ele explicita estas contradições existentes nestes modelos de preservação. Embora seja necessário construir alianças entre as políticas mundiais de cuidado, esta falsa ideia de um mundo comum no qual se baseiam as diretrizes internacionais me geram desconfianças. O modo de cuidado imperial tropeça ao construir modelos genéricos a serem replicados. Lembro-me de escutar Eduardo Viveiros de Castro em sua fala *O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo*, que aconteceu na UFMG em 2017. Para ele, o modelo é uma simplificação da realidade, e o exemplo inspira subversão. “O modelo cai do céu, o exemplo surge da terra. O modelo implica crença, o exemplo suscita criação. O exemplo é extra muros.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2017).

No lugar deste movimento de retorno ao paraíso intocado, Malcon Ferdinand propõe um movimento de encontro. Para o autor, não seria necessário uma volta, mas uma reviravolta, porque, como afirma, “Esse retorno não sabe o que fazer quando - surpresa! - ‘descobrem-se’ os que já estão lá, naquela Terra ou naquela natureza-alvo do retorno” (FERDINAND, 2022, p.219)”

No Peruaçu, estes outros que sempre estiveram lá são, em grande parte, o povo Xakriabá³⁹. O parque é, também, terra indígena e aprendi com Juliana Ventura de Souza Fernandes que as pinturas rupestres das cavernas do Parque são “consideradas uma das dádivas mais significativas legadas aos Xakriabá contemporâneos. São elas que inspiram muitas das pinturas corporais atualmente utilizadas por homens e mulheres indígenas, incluindo a grafia do “X” do etnônimo adotado pelo grupo.”(FERNANDES, 2020, p.43). Uma das grandes propagandas turísticas do PCNP são estas pinturas rupestres e confesso que me causa estranhamento pensar que um dos grandes atrativos turísticos do parque é justamente algo que atesta a presença de populações originárias, uma vez que sua instalação parece, justamente, negar estas outras presenças.

³⁹ Reconheço que sei pouquíssimo sobre este tema, embora muito me interesse. Agradeço especialmente a Lucas Carvalho pelas belas conversas sobre este assunto. Especialmente, pela narrativa de uma memorável visita ao PNCP em companhia do povo Xakriabá.

A criação de parques é uma das estratégias institucionalizadas para proteger rios, árvores, animais e sítios arqueológicos e que vem atrelada ao discurso de proteção dos “bens comuns”. Esta expressão sempre me gerou certo incômodo. A palavra “bem” implica posse? O problema é a posse ou quem possui? Antônio Bispo dos Santos nos ensina que a terra não pertence às pessoas, elas que pertencem à terra (BISPO, 2018), e quem pertence a um rio?

André Brasil, ao comentar o filme *A história dos cantos – Ma’e Mimi’u Haw* (2019), conta que em relação aos cantos, os donos são menos proprietários do que guardiões, aqueles que cuidam daquilo de que são donos. (BRASIL, 2021, p.301). Guardar é sinônimo de cuidado?

Se, para se constituir, a propriedade privada ampara-se na concepção de uma natureza sem donos, disponível portanto a tornar-se objeto de exploração por sujeitos e grupos privados, cosmologias ameríndias partiriam do princípio contrário de que tudo ali tem seu dono (as árvores, os animais, os rios, os cantos, os rituais): a natureza – tomada desde o princípio como cultura – seria constituída por uma infinidade de subjetividades, donos e domínios, o que exige constante e ciosa diplomacia. Nesse caso, ser dono envolve, menos a circunscrição de uma propriedade, do que a produção de coletivos – de coisas, animais, seres, pessoas e ambientes – que demandam responsabilidade, cuidado e proteção; troca, reciprocidade, conflito.

(BRASIL, 2021, p.301)

Em tempos de desmatamentos, incêndios, ataques a terras indígenas, desacordos com mineradoras, entre outros tantos episódios que compõem a catástrofe ecológica em curso, a criação de parques como este é, de fato, muito importante.

Porém, Nelinda, Sr. Zé Torino, Vanusa, Geovane, Sr. Nonô, Dona Ivana, Roseli Côrrea e tantos outros plantadores/cuidadores/ guardiões me ensinam que este não é o único jeito de se cuidar de um rio. Certa vez, escutei de Mariana Oliveira que “cuidado é tudo aquilo que é feito para manter e sustentar o presente”⁴⁰. Qual presente queremos sustentar? Quais práticas sustentam o presente? Suspeito que existam diversos modos de se fazer um parque. E também, outros tantos de se cuidar de um rio. Para além do desenho de perigosas oposições, como construir alianças entre estes modos de cuidado?

Se durante a criação do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu não houve escuta para as muitas gentes humanas do território, me pergunto quais foram os dispositivos criados para um espaço de escuta para o rio ou para os seres-rio que lhe fazem companhia. Se a escuta entre os humanos que vivem e cuidam do território e os humanos tomadores das grandes decisões é tortuosa, a escuta multiespécie é ainda mais delicada. O curioso é que os mais-que-humanos parecem se sair muito melhor que nós nas negociações. “Como balancear o lugar confortável do especismo humano?”, pergunta Ailton Krenak (Diálogo de abertura do festival Seres Rios, BDMG Cultural, 2021). Como construir alianças de cuidado que incorporem as vivências multiespécie?

⁴⁰ Conheci Mariana Oliveira e Souza quando participei do curso de extensão Saberes e fazeres tradicionais de cura e cuidado na Universidade Estadual de Minas Gerais. Foi neste mesmo curso, no dia 05 de outubro de 2022 que escutei a fala que menciono.

Armadilhas, câmeras para crianças e onças

“A fotografia é parte do mundo. Ela foi usada para destruí-lo e para tentar repará-lo.”
(AZOULAY, 2023)

Núria e sua filha Rita andam pela floresta da Serra do Caraça. Na trilha, um objeto fixado em uma árvore chama atenção. O que pode acontecer quando uma árvore é a cinegrafista?⁴¹ Rita não precisa se ajustar, o enquadramento da câmera é da altura dos seus cinco anos. Várias poses, uma câmera para crianças! E onças. Núria me conta sobre o passeio e concluímos: era uma câmera criança, uma câmera para crianças e onças. No Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, são as Jaguatiricas [26] e os Mocós que cabem no enquadramento. As armadilhas fotográficas foram instaladas pelos pesquisadores do Instituto Biotrópicos em pontos estratégicos. A captura que é feita neste caso é de vídeos e imagens, e ajuda a entender quais são as trilhas e os trajetos mais frequentes dos animais que habitam o território que agora é parque.

As *armadilhas fotográficas* foram desenvolvidas pelo fotógrafo George Shiras na década de 1890. Na época, as fotos eram registradas em câmeras analógicas que possuíam flash, e os cliques eram disparados quando os animais esbarravam nos fios do mecanismo. O primeiro ensaio com fotos impressionantes foi publicado pela National Geographic⁴² em 1906. Porém, somente na década de 1990 que este tipo de dispositivo se popularizou, antes disso os equipamentos eram volumosos e possuíam pouco tempo de duração das baterias.

Tomei um tempo para pensar sobre esta expressão: *armadilha fotográfica*. Neste caso, a captura não é do animal, mas de sua imagem. Com as câmeras crianças, pesquisadores conseguem localizar espécies, mapear famílias de animais, o tamanho das populações e entender como as espécies interagem. Como no meu “evento fotográfico” com Chuvisco, embora não exista acordo, as capturas explicitam exatamente os desacordos, já que as imagens fornecem aos pesquisadores informações sobre como visitantes humanos interferem nos modos de habitar dos outros seres.

⁴¹ Pergunta inspirada no slogan das Critercams. Se nas Critercams os cientistas invejavam a rêmora, aqui é como se eles quisessem ter a visão das árvores e da vegetação que sempre sabe por onde os animais estão passando.

⁴² Recomendo visitar estes belos registros que estão disponíveis em: <https://www.nationalgeographic.com/photography/article/meet-grandfather-flash-the-pioneer-of-wildlife-photography>.



[26] Fotografia disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/pesquisa-mapeia-impactos-do-turismo-para-fauna-em-parque-nacional/>>

Estas armadilhas produzem visualidades invisíveis à narrativa moderna. Acostumada a lógica do herói e a ideia de mundo a ser descoberto. Para muitas cosmologias, como as ribeirinhas, por exemplo, não é preciso ver para constatar a presença para cuidar. Não há dúvidas de que a onça viva ali mesmo que ela não tenha sido vista recentemente. Mas para a modernidade, que entende o mundo enquanto um objeto constante a ser decodificado, se nem tudo que é visto é considerado, aquilo que a narrativa moderna apagou fica ainda mais sem lugar. Raramente vista pelos humanos, a fauna é esquecida. Observar as fotografias e vídeos feitos pelas armadilhas é um modo de conhecer alguns dos muitos segredos da mata. Nem tudo deve ser visto, mas no jogo imperial este parece ser um bom exercício de negociação fotográfica.

Atualmente as armadilhas fotográficas são uma caixa estanque, muitas vezes camuflada, com uma câmera digital, com um flash infravermelho para capturas noturnas, acoplados a um sensor de movimento [27]. Assim, quando um animal passa pela armadilha o sistema é acionado e faz o registro. O equipamento pode filmar ou fotografar, “é como se tivéssemos um pesquisador em cada ponto anotando todos os animais que passam por lá”, conta um dos pesquisadores do projeto, Guilherme Braga Ferreira no *Documentário Peruaçu* (2015). O projeto tem como foco os mamíferos de médio e grande porte e por meio dos registros os pesquisadores avaliam áreas que vão ou não serem abertas a visitação, já que o objetivo é atividades turísticas de baixo impacto. Braga diz que essa foi uma rara oportunidade de conseguir fazer a avaliação antes da visitação começar.

A estrutura é acoplada em árvores que ficam em regiões planas e de mata aberta, para que seja possível registrar uma área maior. A câmera fica a cerca de 30 cm do solo e, como possui uma visão infravermelha, é possível produzir imagens durante a noite sem incomodar os animais. Técnicos dos parques são responsáveis pela troca de pilhas e dos cartões de memória. Nesta pesquisa que acontece no PNCP, os registros ajudam não apenas a mapear os caminhos dos animais, mas identificar viventes específicos, contabilizar famílias de animais, estudar os períodos reprodutivos e os hábitos destes seres.

O aparato pode não intimidar os habitantes mais-que-humanos, mas isto não significa que ele não seja percebido. Nos registros diurnos alguns animais se aproximam curiosos, se tornando ótimos protagonistas para registro. Outros parecem desfilhar para a câmera e são registrados em vários ângulos, o que ajuda os pesquisadores a aprenderem mais sobre eles. Uma marca específica no corpo, por exemplo, pode identificar um animal específico. Já uma pelagem não usual, pode indicar uma nova descoberta. Alguns animais desavergonhados ou indiferentes como a Iara se alimentam na frente da câmera e farejam na busca por comida. Será que a câmera é comida? A expressão parece ser de preocupação. [28] Alguns animais são grandes demais e escapam do quadro, outros por pouco não se misturam às folhagens e somem na imagem. [29]



[27] Captura de tela do filme *Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas*. WWF- Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s> >

As avaliações começaram em em 2007 utilizando 16 armadilhas espalhadas por trilhas existentes no Parque (tanto turísticas quanto não-turísticas). Com as câmeras, foi possível mapear os impactos da chegada dos turistas em seis espécies de mamíferos: a Jaguatirica (*Leopardus pardalis*), a Paca (*Cuniculus paca*), o Porco-do-mato (*Pecari tajacu*), o Veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o Quati (*Nasua nasua*) e o Mocó (*Kerodon rupestris*). Nas minhas visitas, dentre os animais mapeados, o Mocó [29] foi o único animal que consegui conhecer pessoalmente. Ele é um animal roedor, com um risco elevado de se tornar extinto e, por isso, é classificado como vulnerável à extinção. Suas pequenas fezes são bastante características, o que torna fácil identificar sua passagem. No Parque, longe das fotografias, é desta maneira que é possível saber que ele esteve por perto. Antes de conhecê-lo pessoalmente, o conheci pelos artesanatos de Vanuza. Na sua casa, a artesã tem Mocós de cerâmica cuidando do jardim. Lembro que minha pouca sabedoria sobre os animais habitantes do Peruaçu me fez confundi-los com uma pequena Capivara. Nas imagens crionças, ele aparece discreto, e sua pelagem é quase camuflada pelas folhas. Ele se alimenta na frente da câmera e salta rapidamente, saindo do quadro.



[28] Captura de tela do filme *Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas*. WWF- Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s>

De acordo com o estudo feito utilizando as imagens crionças, o Mocó foi a única espécie que teve sua rotina afetada pela abertura do parque para visitação. Com o começo das visitas, ele mudou suas rotas, passou a preferir circular pelas trilhas não frequentadas pelos turistas. Eles também aumentaram sua atividade diurna nas trilhas turísticas, Segundo os pesquisadores, provavelmente porque seus predadores naturais, as Jaguatiricas, se tornaram mais ativas durante a noite. “Animais como Jaguatirica, Porco-do-mato, paca, Quati e Veado-catingueiro não reduziram a ocorrência em trilhas turísticas após a visitação, e em alguns casos a ocorrência até aumentou”, conta em reportagem⁴³ do ((o))eco, a ecóloga Daniele Barcelos, do Instituto Biotrópicos, pesquisadora que liderou estudo.

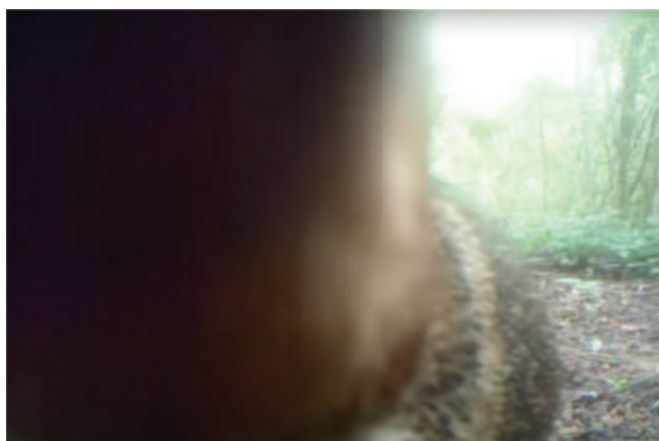
⁴³ Disponível em: < <https://oeco.org.br/reportagens/pesquisa-mapeia-impactos-do-turismo-para-fauna-em-parque-nacional/> >



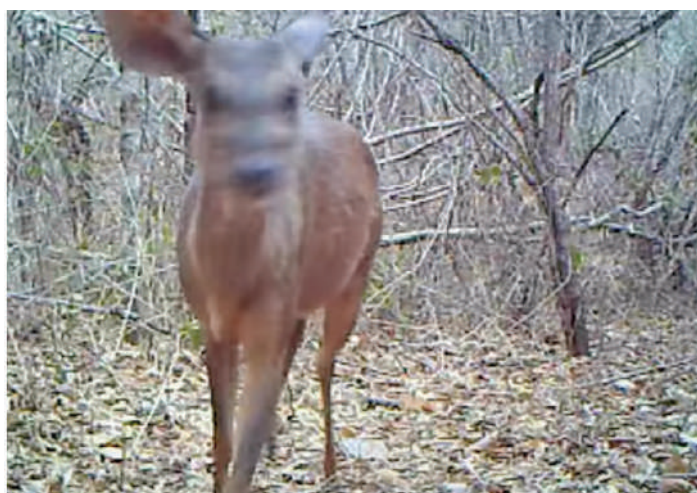
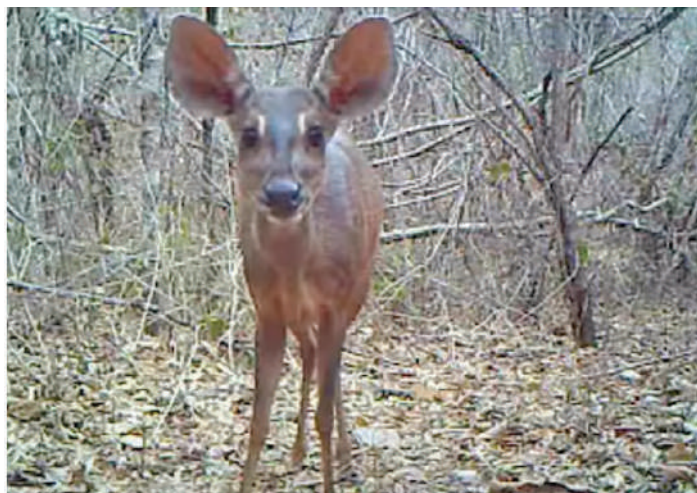
[29] Captura de tela do filme *Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas*. WWF- Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s>

Nem todos os animais aparecem de maneira discreta. Alguns chegam em bando e, desconfiados, se aproximam com cautela. O Caititu,[30] por exemplo, percebendo segurança para confrontar a câmera fareja, curioso. Outros como o Veado-catingueiro não se intimidam, e parecem até posar para a câmera. [31] e [32]



[30] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>



[31] Captura de tela do filme *Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas*. WWF- Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s>



[32] Captura de tela do filme *Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas*. WWF- Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s>

A lua aparece e, nos registros noturnos, os olhos brilham, as manchas na pelagem se tornam evidentes. Outros animais, para além dos que estão sendo estudados, surgem. O famoso Tamanduá bandeira parece desfilarm com seu filhote [35]. A rara onça parda é registrada. Os animais de menor porte andam acompanhados e se escondem [33]. Onde estão os grandes mamíferos durante o dia? A Raposa é curiosa e se aproxima do dispositivo [34]. A inesperada Jaguaririca também desfila. E o único registro multiespécie divulgado: um animal voador, (seria um morcego?) cruza a câmara no mesmo momento que a Jaritataca se aproxima.



[33] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>



[34] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>

Foi em uma destas imagens noturnas que foi possível observar o Lobo-guará de cor preta, no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. O lobo-guará é marcante por sua cor avermelhada, por isso essa descoberta chamou tanta atenção. Ainda não havia registro de um Lobo-guará de pelagem preta. Guilherme Ferreira Braga conta em reportagem da WWF-Brasil¹ “A morfologia é a mesma de outros Lobos-guarás. A perna longa e a orelha grande é muito característica da espécie, independente da coloração.” Além do Lobo-guará de cor preta, as câmeras crionças capturaram registros do Cachorro-vinagre. Um animal raro, de pelo marrom escuro, e que, ao contrário do Lobo-guará, tem pernas e orelhas curtas e corpo alongado. Os pesquisadores contam que este é um dos menores e mais sociáveis cães selvagens da América do Sul e costumam viver em bandos de até dez companheiros. Esses registros não foram feitos exatamente na área do Parque porque assim como os rios não seguem territórios administrativos humanos, os animais também não se restringem aos limites das áreas de conservação. Por isso, é tão importante construir zonas extensas em que os animais possam ser bem-vindos. Eles necessitam se deslocar, buscar alimentos e se reproduzir sem precisar competir.

¹ Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?36542/Parceiro-do-WWF-Brasil-fotografa-indito-lobo-guar-preto>



[35] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>



Revi este álbum de maneira incansável e sempre com um sorriso. Pausei o vídeo inúmeras vezes e imprimi as fotografias para poder observá-las de perto. Nelas, descobri vários habitantes do Peruaçu que meu analfabetismo desconhecia. A cada vez, um novo detalhe aparecia. O Veado-catingueiro caminha com calma, a cada passo a pata se levanta com precisão. O Tamanduá-bandeira é realmente exuberante. O Caititu anda em bando como o Quati. Quando o Tamanduá- mirim se desloca, sua cabeça se confunde com seu rabo, para qual lado ele caminha? A Jaguatirica é afetuosa e retribui o carinho da companheira. Ela tem o corpo pintado e o rabo listrado. Gosto especialmente das imagens de perto, os olhos curiosos e os detalhes dos pelos, que aparecem quando os animais examinam a câmera, tentando entendê-la. Penso que pode ser prepotência humana, pensar que os animais não tentam compreender nosso mundo.

As capturas já registraram mais de 23 espécies de mamíferos de médio e pequeno portes. As câmeras crionças despertam o interesse do Quati e também o meu [33]. Neste tipo de armadilha, o cuidado encontra o manejo e me pergunto se esta captura se torna um exercício de cuidado do mundo partilhado. Em movimento de tradução, as imagens se tornam informações para os biólogos e estas informações podem endossar políticas públicas. Certamente, existem muitos equívocos nestas traduções, mas é preciso contaminar as práticas institucionais com experiências de escuta multiespécie. As imagens aprisionadas nas armadilhas comprovam (para os que precisam de comprovação) a habitação destes espaços por diversos viventes. Na lógica imperial, muitas vezes é preciso atestar o óbvio: Olhem, existem outros além de nós aqui! Esta parece ser uma forma da modernidade ajustar seu olhar para além da alienação proposital. Ao avesso da busca incansável por decifrar os ditos instintos animais, acredito que aprenderíamos mais ao assumir, de forma genuinamente interessada, que os muitos viventes são imprevisíveis aos olhos humanos. Seguindo o convite de Vinciane Despret podemos nos despir do conforto do especismo humano e habitar o mundo em suas estranhezas, “nos sentindo um pouco menos em casa nele” (DESPRET, 2021, p. 275). De maneira desconfortável, pode ser possível encontrar pistas para compor formas de cuidado multiespécie e, ouvindo Anna Tsing, abrir espaço para outras espécies e moldar mundos multiespécie a partir de nossos arranjos de vida mundanos. (TSING, 2015, p. 22)



[36] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>



[37] Capturas de tela do filme *Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Instituto Biotropicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w>





PARTE 5
FLORESTA

Lírios e o convite para cuidar do quintal

No Peruaçu experimentei vários sabores do Cerrado que desconhecia. Macaxeira, umbuzada, pipoca feita no óleo de pequi, arroz com pequi, abóbora com pequi, pequi. Aprendi que cada parte do pequi se come de uma forma, sempre com cuidado para não se machucar com os espinhos. Entre todos o meu preferido: doce de buriti. Visualmente o doce de buriti se parece com um doce de abóbora com coco, mas é azedo como limão. Aprendi que com o buriti não se faz apenas doce, mas vedação para casa também e que a planta é como um guia que sempre avisa: onde tem buriti tem água.

No brejo que fica aos fundos da casa de Nelinda e Sr. Zé Torino os buritis são também plantadores de água. Os conheci a distância quando, ainda em 2020, depois de um mês de correspondências desencontradas, recebi de Amara, Nelinda e Zé Torino uma vídeo-carta⁴⁴ que me convidava para um passeio no brejo [39]. Conheci o buriti, a embaúba, o pau louro, o mulungu do brejo (não confundir com o mulungu do seco), o lírio do brejo (que de dezembro a janeiro solta flores brancas lindas), o buriti (alguns que foram plantados em 2004, os menores que foram plantados em 2010, os ainda menores que foram plantados em 2013 e, por último, os que são de 2016) [38], o saputá (que dá uma fruta ótima para os animais de beira de rio se alimentarem), a caninha do brejo (uma planta medicinal que é ótima para os rins), as minas d'água, as estruturas que foram feitas para que as capivaras não pisoteiem a nascente (“Aline, eu vou beber um pouco de água porque estou com sede e aqui a água é limpinha!”), o encontro das minas d'água com o Peruaçu e a gameleira. A vegetação do brejo é densa, das que o fotógrafo Marcel Gautherot precisaria “derrubar a floresta inteira para tirar o retrato de uma certa árvore”⁴⁵ Árvores, plantas, animais mais-que-humanos e águas se avizinham de tal maneira, que para meu analfabetismo multiespécie é fácil confundir a árvore que está sendo mostrada com outra que lhe é vizinha.

Lembro do encantamento que senti quando recebi este vídeo. Na época, morava com minha mãe⁴⁶, que também recentemente havia comprado lírios para nossa casa. Indiretamente minha mãe e Nelinda trocaram experiências sobre a planta. A da minha mãe era do vaso, e ela a escolheu porque os lírios a lembravam da minha falecida avó. A de Nelinda, do brejo e a encantava pela beleza. Nelinda acalmou minha mãe que se preocupava por não ter as flores brancas que esperava, mas no verão elas chegariam, disse Nelinda. Revisito este vídeo constantemente, e sempre sorrio. O sorriso hoje não é apenas de alegria, mas também um pouco envergonhado, porque agora sei que este foi o primeiro dos meus equívocos e tropeços na comunicação com Nelinda. Uma relação fundada no equívoco. Quando a visitei, quase dois anos após o envio desta vídeo-carta, o Sr. Zé e ela me contaram sobre como foi divertido, mas desafiador gravar o vídeo que eu havia pedido. Faço uma pausa e revisto minhas memórias.

⁴⁴ Coloco aqui algumas imagens retiradas da vídeo-carta que recebi, porém, caso se interesse, recomendo que assista o vídeo pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=b-fwTa31yUwk&feature=emb_logo.

⁴⁵ CANÇADO, Wellington. O que diriam as árvores? PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 118 - 125, 2017.

⁴⁶ Minha mãe foi abraço e companhia motivadora nesta pesquisa, muito antes dela começar. Companhia solar e aquática, a vida é boa quando estamos perto.

Minhas conversas com Nelinda, até aquele momento, haviam sido, principalmente, por troca de correspondências em aplicativos de mensagens. No começo, enviei textos escritos, mas logo descobri que nossa comunicação funcionava melhor por áudios, e é assim que nos comunicamos até hoje. Retomei todas as mensagens que havia enviado desde o nosso primeiro contato. Não encontrei em nenhum momento um pedido por um vídeo, mas, de alguma maneira, este pedido chegou. Para além do que escolhi comunicar, esta foi a mensagem que Nelinda recebeu. “A equivocação não é aquilo que impede a relação, mas aquilo que a funda e a impulsiona”, escreve Eduardo Viveiros de Castro. (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p.254, apud MARQUEZ, 2020, p. 218)

A vídeo-carta precisou de uma rede de pessoas para que fosse gravado. Por lá, o acesso à internet é limitado e também foi um desafio para que o vídeo conseguisse chegar até mim. Amara e eu discutimos diversas possibilidades e métodos de envio, até que o vídeo chegou. Inaugurando meus troços de comunicação, esta vídeo-carta também me forneceu abertura para continuar a conversa com Nelinda.

Construir um caminho de madeira para que as capivaras não pisoteiem as minas d’água é saber que elas também são moradoras do brejo. Plantar saputá para que os animais mais-que-humanos da beira do rio possam se alimentar é lembrar que os cuidadores daquele território não são apenas humanos. Cuidar de um rio é, também, negociar a coabitação de um território. Coabitar é, neste caso, também outro nome para o cuidado. Entre saputás, lírios e inhames o Peruaçu corre no brejo um pouco mais caudaloso que nos últimos anos. A água brota em vários pontos e se acumula em alguns lugares, deixando a caminhada escorregadia. A água parece turva porque se mistura com a areia que corre no fundo. Não é possível registrar a água que brota no brejo sem a vegetação que lhe faz companhia. As raízes também querem aparecer, afinal são elas que firmam a lama e convidam a água para ficar. [40]

Se as fotografias do brejo tivessem som, iríamos escutar o assovio dos bambuzais [41], o barulho dos pés que afundam na lama, a água correndo entre as pedras, os insetos incontáveis que cantam em coro, as borboletas brancas e amarelas que batem as asas rapidamente, os passarinhos diversos que parecem se alegrar com nossa visita. Se os ouvidos fossem bem atentos talvez escutassem o suor do corpo visitante mal acostumado ao calor do norte mineiro ou a batida do coração mais acelerada ao escutar um miado que, me falaram, poderia ser de uma sucuri. Se o poço tivesse memória se lembraria do churrasco na beira daquele poço maior, da companhia dos vizinhos nesse dia e da brincadeira de balançar nos cipós para cair na água [42].

Como Sr. Nonô e Mércia com os Joões, o cuidado de Nelinda e Zé Torino com o Peruaçu é cotidiano e acontece na escala do quintal. Replantar os lírios que deixam tudo florido e perfumado e as árvores mais altas como paulouro que fazem sombra. Amarrar linhas entre as árvores para impedir o gado de passar e pisotear as nascentes [43]. Criar dispositivos para registrar a quantidade de chuva a cada estação e medir diariamente o nível da água das minas d’água com uma régua instalada no brejo [44]. Abrir com as mãos e ferramentas o caminho para as águas passarem e criar pequenas barragens para que elas não corram tão depressa e tenham tempo de infiltrar no solo. As estratégias de cuidado de Zé e Nelinda embaraçam os saberes ribeirinhos, as sugestões dos vizinhos, os aprendizados dos cursos de capacitação e, ainda, se contaminam com os trabalhos dos pesquisadores que constantemente visitam o lugar. Uma composição de cuidados: acadêmicos, técnicos e brejeiros.



[39] Vídeo-carta de Amara Motta, Nelinda Gonçalves e José Aparecido Macedo. Vale do Peruaçu. Novembro de 2020. Disponível em Preservação e recuperação - Rio Peruaçu. Propriedade e trabalho desenvolvido por José Torino.

Nelinda e Zé têm sempre um carinho especial na escuta dos pesquisadores. Hospedam os interessados em sua casa, servem almoço e compartilham com uma generosidade encantadora tudo o que sabem, aceitam convites para conversar, sempre com um café recém passado e um pão de queijo que acabou de sair do forno. Tanto carinho em escutar e compartilhar faz o trabalho dos plantadores de água chegar longe!

Precisei procurar ajuda em outras cosmologias para conseguir acolher essa composição de cuidados. Fabiana Maizza e suas amigas Jarawara me ensinam que olhar, cuidar e embelezar andam juntas. “Quando vão ao roçado ‘olhar’, as pessoas tiram plantas daninhas de perto daquelas que estão crescendo e limpam o terreiro. As plantas não gostam de mato fechado; se o terreiro não estiver devidamente limpo, elas não crescerão. Por isso, o ‘cuidar’ (*narifá*) das plantas é também traduzido como ‘ajudar a crescer’, ‘cuidar para não morrer’” (MAIZZA, 2014, p. 507). É por isso que Gley fez questão de me lembrar inúmeras vezes: o rio só corre no PNCP porque corre antes nos quintais ribeirinhos.

Certa vez, Nelinda me contou sobre uma negociação entre o lírio do brejo e a chuva. Nela, os lírios se deitaram com chuva, enquanto a terra encharcava. Isso me colocou para imaginar como se dão as resoluções multiespécie. Pensando pela ótica da competição⁴⁷, muitas vezes utilizada para descrever as relações entre viventes, pensaríamos que o lírio não teve vez frente às devastadoras forças das águas. Já se tomarmos as águas da chuva como humanas, dentro dos julgamentos modernos, diríamos que essas expressam necessidades e são autoras de seus atos e, portanto, podem ser obrigadas a responder por eles. Assim, poderiam os Lírios entrar com sua defesa no tribunal multiespécie. Mas em qual tribunal se daria este julgamento? Quais seriam os viventes preparados para escutá-los?⁴⁸

Ambas as visões me parecem um tanto antropocêntricas. Procuo não me deixar levar por romantizações, mas imagino que nas negociações multiespécie os termos sejam outros. Emanuele Coccia afirma que estar no mundo é viver em “um espaço concebido e construído por muitos viventes. Existir, portanto, significa sempre ocupar, invadir um espaço estrangeiro e negociar o que é um espaço compartilhado.” (COCCIA, 2020, p.133). Os mais-que-humanos, definitivamente, parecem se sair melhor nessa tarefa.

Stefano Mancuso, em seu livro *A planta do mundo*, conta sobre um misterioso toco de *kauri* que intrigou os pesquisadores que o encontraram. Mesmo sem folhas para realizar fotossíntese, o toco permanecia ativo. De acordo com os cientistas, ele recebia o que precisava por meio do sistema radicular em conexão com as árvores próximas, um fenômeno conhecido como enxerto de raiz. Este toco não é o único. Já se sabe que as árvores criam conexões subterrâneas que são capazes de manter tocos vivos por décadas, mas isso sempre foi considerado apenas uma curiosidade.

⁴⁷ Escrevo em conversa com Stefano Mancuso, que em *A planta do mundo* afirma que um grande número de evidências sustentam o papel fundamental da cooperação na evolução das espécies vivas, porém a ideia continua a ser percebida como marginal em comparação com a solidez da defesa da competitividade (MANCUSO, 2021).

⁴⁸ Durante o festival fluvial Seres-rios, Eloy Terena, Tatiana Ribeiro de Souza, Paulo Tavares e Wellington Cançado argumentam que se as grandes empresas desfrutam dos direitos humanos, por que rios, montanhas, florestas e animais também não podem ser considerados pessoas diante dos processos jurídicos? Na conversa, onde se discute o que pensam os rios e quem falaria em seu nome, Tatiane Ribeiro aponta que se a sociedade moderna não é capaz de escutá-los, deveria escutar, seus humanos mais próximos: os povos das águas e das florestas. (Diálogo 6 do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021).



[40] Fotografias autorais. Vale do Peruaçu. Março de 2022.



[41] Fotografias autorais. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Porém, essas enormes redes de trocas de nutrientes pelas raízes podem até questionar a noção que temos de árvore, enquanto indivíduo isolado. “Cada habitação é uma dupla invasão: invadimos o espaço que habitamos e esse mesmo espaço nos invade.” (COCCIA,2020, p.125). Os pesquisadores insistiam na grande pergunta dos humanos modernos: por quê? Por qual motivo árvores saudáveis manteriam um toco vivo? Neste ponto, acho que me interessa mais pelo como.

Os lírios que encantam minha mãe e Nelinda são plantas curiosas. Em algumas notas técnicas o lírio-do-brejo é uma espécie invasora, em outras, uma importante solução para o tratamento do esgoto em áreas rurais⁴⁹. São os lírios com seu perfume e beleza que conquistaram Nelinda e também são eles que a convidam recorrentemente a retornar para os cuidados com o brejo. A cada forte chuva ela volta para replantar os lírios que deitaram com as águas e, também, as novas mudas de buriti que chegaram para substituir as que encharcaram.

A beleza dos lírios gera encantamento e fascínio e me fazem pensar sobre como, nesta relação, a definição entre aqueles que são cuidadores e os que são cuidados se embarça. Outras pesquisadoras e autoras também me convidam a pensar no importante papel da atração estética nas relações de cuidado entre humanos e vegetais. Joana Cabral de Oliveira, por exemplo, compartilha seus aprendizados de plantio com as mulheres Wajäpi e conta que as mandiocas são cultivadas por uma rede de humanos, abelhas, vespas e formigas. O néctar das flores de mandioca instiga tanto humanos quanto insetos a produzirem bebidas fermentadas para os festejos e as mandiocas que se destacam pelo gosto ou beleza são as escolhidas para serem replicadas. “Elas [as mandiocas] seduzem as mulheres para que elas continuem plantando e aumentando sua diversidade, sedução que se dá por meio da estética, do sabor e da embriaguez provocada pela bebida fermentada que aproveita a grande quantidade de carboidratos, uma característica especial, para a produção de álcool” (CABRAL DE OLIVEIRA, p. 93).

Além de Cabral de Oliveira, Michael Pollan⁵⁰ também borra as definições entre cuidados e manejo dos jardins. Enquanto espalhava sementes em seu quintal, o pesquisador observa as abelhas que circulavam em torno de uma macieira e se pergunta se naquele momento ele não estava realizando um trabalho similar ao dos insetos. Será que é o humano quem trabalha para o jardim? Afinal, era ele quem semeava, fazia o manejo e realizava as colheitas.

Quando avizinho as pesquisas de Cabral de Oliveira e Pollan com as de Eduardo Góes Neves, começo a me questionar sobre a ideia de domesticação. Com Neves aprendo sobre como recentes pesquisas têm comprovado que a América do Sul sempre foi um grande centro de domesticação de plantas, e, também, onde ocorreu uma verdadeira produção de diversidade. Neves conta que o manejo das plantas começou antes mesmo da presença humana com a ação da chamada megafauna (composta por grandes animais que não humanos terrestres do período da história antiga), mas foi amplificada pelos povos indígenas ao longo dos séculos.

⁴⁹ Estudos publicados em ALMEIDA (2007) e SOUSA DE ALMEIDA (2020).

⁵⁰ O autor compartilha seus estudos em seu livro *The botany of desire: A plant's eye view of the world* (2001).





A floresta não é, assim, um refúgio intocado, mas produzida pelos cuidados de diversos viventes. Na floresta, como no jardim e no brejo, o rio e a mata existem por uma composição destes muitos modos de cuidar. Como define Cabral de Oliveira sobre os Wajäpi, “um enredamento de entes e ações múltiplas, em que roça e floresta se coconstituem em uma verdadeira agricultura florestal em que tudo é plantado e cuidado por alguém, seja um humano Wajäpi, seja um animal, seja um dono-mestre.” (CABRAL DE OLIVEIRA, 2020, p.92). E se são tantas as mãos, asas, patas, penas, leis e planos que cuidam, quem deveria decidir sobre os melhores modos de cuidado? Mais uma vez lembro de Cadena e Blaser, ao perguntarem: “Quem deveria decidir como tratar e usar um bem comum, como, por exemplo, um rio? As comunidades que vivem às margens desse rio, os cidadãos do país que ele atravessa ou a comunidade global que cuida de sua função em sistemas planetários?” (BLASER, CADENA, 2021, p.76). Nas margens dos rios, cuidar assume a forma de habitar. E os quintais, mais do que soluções replicáveis, oferecem possibilidades para esta composição de cuidados.

As tomadas de decisão institucionais sobre o cuidado de um rio são frequentemente realizadas sob o discurso dos bens comuns, e de um suposto ganho universal. Mas como apontam Mario Blaser e Marisol de la Cadena, nesses conflitos mantêm-se a separação ontológica entre humanos e mais-que-humanos, o que “permite a continuidade da objetificação dos mais-que-humanos como recursos naturais à disposição dos humanos. Assim, a distribuição, o acesso e o recurso tornam-se pontos de discórdia entre humanos” (BLASER, CADENA, 2021, p. 75).

“Vivemos em um mundo de muitos mundos e precisamos discutir, urgentemente, formas coletivas de cuidar de todos eles”, diz Renata Marquez (MARQUEZ, 2021). Nas negociações de cuidado coletivo é preciso entender não só o que está em jogo, mas quem está no jogo. Porém, para muitos, certas gentes parecem estar fora da jogada. A negociação dessa coabitação começa, então, com uma dificuldade tradutória antes mesmo que se estabeleçam os termos do acordo. Como negociar o cuidado com os muitos mundos? O melhor caminho é mudar as regras ou nos colocar fora do jogo? Marisol de la Cadena me aponta a possibilidade de um acordo, uma aliança, onde, em vez de convergir para interesses idênticos, seja possível que o acordo fosse “sustentado por ‘incomunidades’: interesses em comum que não são o mesmo interesse” (CADENA, 2018, p.113). Nesse excesso se fariam “os ‘incomuns’, uma noção que balança, embora não substitua, a ideia do ‘mundo’ como terreno compartilhado.” (BLASER, CADENA, 2021, p.76)

Na lei que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), se define como conservação da natureza

o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral; (BRASIL, 2006)

Maior benefício para quem? Sustentável para quem? “O que é preciso sustentar?” (KRENAK, 2019, p. 12) Quais seres vivos? Qual natureza? O que é natureza? Quando se diz natureza em um mundo e em outro, certamente, os entendimentos são distintos. Donna Haraway convida o mundo moderno a encontrar outra relação com a natureza além da reificação, posse, apropriação e nostalgia. A autora ainda afirma que os esforços para “preservar a ‘natureza’ nos parques são perturbados pela permanente expulsão daqueles que costumavam viver nesses



[43] e [44] Fotografias autorais. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

territórios não como ‘inocentes num jardim’, mas como pessoas para quem a natureza e a cultura não são apartadas” (HARAWAY, 2004, p.126). A natureza é também incomum. Se por um lado, contemplativa, nostálgica, bucólica e frágil, para onde se quer retornar, por outro implacável e devastadora. A “natureza não é somente a natureza”, afirma Marisol de la Cadena no diálogo de abertura do festival fluvial Seres-rios (Diálogo de abertura do festival Seres Rios, BDMG Cultural, 2021). A floresta, o rio, o brejo são natureza, mas “não apenas”(idem). A forte expressão de Cadena nos convida a acolher que mesmo com dedicação ao encontro, vai sempre existir algo que excede as compreensões entre mundos.

Revisito minhas fotografias e vejo um esforço em registrar os detalhes. As texturas das árvores, o vídeo que acompanha o comprimento do Buriti para que eu não me esqueça como ele forma sem tronco em aberturas diagonais, a fotografia que registra o formato de cada folha. Percebo em mim, um esforço de tentar aprender aquele mundo-brejo. Mas o brejo não se aprende apenas assim, é preciso lentidão e insistência para meu corpo desacostumado a pisar na lama.

Certa vez, Nelinda me contou que alguns pesquisadores do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) chamaram as minas d’água do brejo de Coração das Cavernas. Coloquei meus sapatos molhados para secar e aprendo que, embora as cavernas ganhem maior destaque, a água que molhou meus sapatos no PCNP, e que com força esculpiu tantas cavernas, se sentiu forte porque foi plantada e cuidada no brejo. Os lírios de minha mãe ainda não floriram, talvez eles precisem é da água brejeira.

Mina e a visita aos embarés



[45] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

A câmera se inclina, junto com o corpo da fotógrafa, para conseguir registrar os Embarés - as maiores árvores da região. Não havia curvatura suficiente que fizesse com que as árvores inteiras coubessem no quadro [45]. Aquela visita havia sido planejada desde o primeiro dia que chegamos na casa de Nelinda e Zé Torino. Naquele dia, já começava a escurecer e nos ofereceram um café. Logo naquela primeira conversa, nos convidaram para visitar os altos Embarés. Os dias de estadia foram agitados, e foi no final da nossa estadia que tiramos o dia para conhecer as famosas árvores. Os Embarés são uma espécie de barriguda, são árvores altas com textura rugosa, folhas finas e galhos espaçados. Para chegar até as árvores é preciso passar por uma grande plantação de capim. Os ramos são tão altos que chegam a ser maiores que nós e me arranho nesta travessia.

Como em outros dias, chamamos Nelinda para ir conosco, mas ela disse que precisaria ficar em casa para preparar o almoço. Naquele dia, o almoço não seria preparado apenas para nós. Um grupo de trabalhadores também iriam almoçar lá. Frequentemente, Nelinda serve almoço para pessoas que estão de passagem por lá. Servir o almoço preparado por Nelinda é uma das formas de renda da família. Ela também produz polpas congeladas para sucos, ora com as frutas do quintal, ora com frutas que compra, quando a safra não é suficiente.

No caminho para os Embarés cruzamos com alguns bois e bezerros. Encontrá-los por lá não era surpresa, eles são uma fonte de renda da região. Os bois se aproximam da cerca e encaram a fotografia, destemidos [46]. A amedrontada sou eu, que me mantenho distante. Alguns dias antes, outro encontro com estes animais havia me deixado receosa. Retornava sozinha de um passeio a uma casa vizinha à de Nelinda e Sr. Zé e na estrada de terra um boi que havia escapado do pasto se colocou à minha frente. Recuei dando passos para trás, amedrontada. A cada passo meu para trás, um dele vinha na minha direção. Os olhos fixos em mim não me deixavam virar as costas. Por trinta minutos não consegui avançar meu caminho e dancei sua dança. Até que, por fim, o animal se cansou da brincadeira comigo e em um salto primoroso voltou para dentro da cerca.

Naquele dia, eu estava com um boné vermelho e quando consegui retornar perguntei a Sr. Zé se era verdade que aquela cor incomodava os animais. Ele me disse que não sabia dizer ao certo, na dúvida, preferia evitar. Guardei o conselho. Sr. Zé era conhecido por ser bom com o gado. Especialmente em alugar capim e desmamar os bezerros. As criações de gado demandam diversas atividades e muitos dos moradores da região trabalham em atividades relacionadas aos animais. Existem os donos de gado, existem os que tocam gado, que cuidam para que ele possa beber água, os que fazem o desmame de bezerros, os que alugam capim, entre outras atividades envolvidas nesta criação.

Eu desconhecia grande parte destes serviços. O aluguel de capim, especialmente, me chamou atenção. Essa prática consiste no aluguel de uma determinada área para pastoreio do gado. Existem preços diferentes, de acordo com o tipo e a qualidade do capim plantado e do cuidador. Zé aluga capim, faz o trabalho de desmamar bezerros e também vende gado para gerar renda e construir a pousada.

Enquanto bebíamos um café após um almoço em minha casa, Gley observa as fotos deste passeio e se lembra das brincadeiras de infância nos Embarés. Ele junta, às imagens que eu havia selecionado, a fotografia do vultoso pé de Imbu [47]. O Imbu, ou Umbu, foi uma das frutas do cerrado que conheci no Peruaçu. Os pés de Imbu são baixos, mas com um grande volume de galhos. A específica árvore da fotografia fica no quintal da casa de Nelinda e Sr. Zé e se destaca de maneira imponente. A cobertura formada pelas tramas de seus galhos se estendem por um diâmetro de quase 17 metros, o que fez ser necessário colocar alguns tocos de madeira para escorar os galhos e sua sombra se tornou cobertura para plantas que precisam de certa distância do sol do sertão. A árvore tem mais de quarenta anos e dá seus frutos pequenos e esverdeados de dezembro a fevereiro.

Gley me conta que certa vez um homem falou para o Sr. Zé que “ter bezerro não estava valendo a pena, porque era muito trabalho para pouco lucro”. Zé respondeu dizendo que tinha uma vaca que dava quatro bezerros, e que por isso dava muito lucro. O homem ficou confuso, afinal cada vaca só dá um bezerro por vez. Porém, a vaca a qual ele se referia era o pé de Imbu que rendia 2 mil reais, o equivalente ao lucro de quatro bezerros.

Gley se levanta e pergunta se pode me mostrar um filme que ele havia produzido junto de Isabella Atayde Henrique, Maria Miranda, Simone Veloso e Diego Zanotti [48], [49] e [50]. O filme tem duração de exatamente um minuto e é muito potente no que expõe. Ele começa com Zé Torino desobstruindo uma mina d'água [48]. Quando a água começar a brotar, a cena é substituída por uma imagem em movimento. O gado com olhar penetrante, como os que encontramos no passeio dos Embarés, acompanha a câmera [49].



[46] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Gley me fala da oposição que buscou construir entre a mina d'água e o gado enquanto mina de dinheiro. O cultivo e manejo do gado é uma prática muito presente no Peruaçu e a relação entre o rio e o gado é delicada. Para Gley, o cuidado com o rio passa por práticas de manejo do gado, como construir maneiras para que a criação possa beber água sem pisotear o rio, como tem acontecido em alguns lugares, como perto da ponte da imagem que ele também acrescenta ao nosso álbum [51].



[47] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.



A relação entre a pecuária e as questões ambientais é conflituosa não apenas no Peruaçu. José Augusto de Pádua⁵¹ conta que entende que os bois foram protagonistas importantes da invasão colonial, e que os europeus sabiam disso. Eles são bichos grandes, fortes, que se reproduzem facilmente e que ocupam muito espaço. Pádua afirma ainda que em 1700 existiam mais de 3 milhões de cabeças de gado bovino entre Pernambuco e Bahia, na época a população de humanos nas terras invadidas por Portugal era de 300 mil pessoas. Muitas vezes, era o gado quem cumpria o papel de expulsar os povos indígenas originalmente habitantes da terra.

No Peruaçu, o gado contribui ainda fortemente para a escassez hídrica, que é um grave problema da região. Como afirma Marília Rodrigues, “a perfuração de poços artesianos tornou-se o mecanismo mais fácil e prático de obtenção da água para abastecimento não só das comunidades rurais, mas também das grandes fazendas de gado da região.” (RODRIGUES, 2021, p.106). E esses animais precisam beber muita água. Segundo dados do IBGE de 2017, as atividades relacionadas à agropecuária foram responsáveis por 97,4% do consumo total de água no Brasil em 2017. O consumo da indústria foi de 1% e de água e esgoto de 0,8%. Além também pisoteia nascentes e a margem dos rios causando erosão e assoreamento.

Gley olha para a [46] enquanto conversamos sobre estas questões. Ele me fala que entende que o cuidado com o rio passa, também, por práticas de manejo do gado. Ou ainda, digo: como fortalecer outras alternativas de geração de renda para comunidade?

Quando penso sobre estas questões, começo a perceber um lugar em que a crise ecológica em curso encontra a crise do trabalho de cuidado. Existe uma lógica perversa que atua sobre as pessoas que exercem o que talvez poderíamos chamar de *cuidados ambientais*, porque, utilizando os termos de Nancy Fraser, o capitalismo “parasita” em cima de trabalhos como os destas pessoas, já que não as remunera, mas monetiza e sobrevive, mesmo que indiretamente em cima deste trabalho. Afinal, em alguma medida, é porque existem pessoas que cuidam que o capitalismo continua a destruir. Para imaginar esta composição de modos de cuidado com os rios sobre os quais falo, é também preciso reconhecer efetivamente o trabalho exercido pelos cuidadores das águas, porque como nos ensinam diversas pensadoras feministas: cuidar também é trabalho, e um grande trabalho. Trabalhos como os de Nelinda, Mércia, Sr. Nono e Sr. Zé Torino ainda são vistos como algo pontual, primoroso e que é, acima de tudo, feito por amor. É inegável que exista um componente sensível e afetuoso nestas relações, e é exatamente por isso que as práticas de cuidado exigem tanta demanda.

O trabalho de cuidado, de uma maneira geral, pode ser entendido como como um trabalho material, técnico e emocional de assistência, remunerada ou não, implicando um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar do outro. Helena Hirata⁵² é uma pesquisadora brasileira que nasceu no Japão e que investiga as implicações do trabalho de cuidado, principalmente no que diz respeito às trabalhadoras que exercem este trabalho de maneira remunerada. São babás, cuidadoras de idosos, técnicas de enfermagem, funcionárias da limpeza, entre tantas outras. Mas o trabalho de cuidado também contempla atividades não remuneradas: lavar,

⁵¹ Escutei José Augusto de Pádua no episódio O mito da natureza inesgotável, do podcast É cultura? produzido BDMG Cultural e apresentado por Roberto Romero e Gabriela Moulin. O podcast está disponível em: < <https://bdmgcultural.mg.gov.br/entrevista/o-mito-da-natureza-inesgotavel/> >

⁵² Teóricas feministas como Silvia Federici e Helena Hirata constroem diversas pesquisas importantíssimas sobre essas questões. É importante dizer especialmente sobre este ponto que, como procurei fazer ao longo deste texto, utilizo as ideias destas e de outras pensadoras não para exemplificar seus conceitos, mas como elaborações que me ajudam a expor e melhor compreender as lógicas que aqui investigo.



[48], [49] e [50] Filme *Mina*, de Gleydson Motta, Isabella Atayde Henrique, Maria Miranda, Simone Veloso e Diego Zanotti. Vale do Peruaçu. Sem datação.

abraçar, cozinhar, consolar, varrer, agradar, limpar, animar, esfregar, tranquilizar, espanar, vestir, alimentar os filhos, ter filhos e cuidar de doentes e idosos, como lista Silvia Federici (FEDERICI, 2022, p.13). São trabalhos que exigem grande entrega e disponibilidade. E este tipo de trabalho não remunerado é essencial para a existência do trabalho remunerado e para o funcionamento do capitalismo.⁵³

Como denunciam os pronomes que utilizo para nomear estas profissões, a estrutura global de cuidado é sustentada majoritariamente por mulheres, no passado em modalidades gratuitas e hoje, também, em modalidades mercantilizadas. Em especial, mulheres negras, periféricas e do sul global. São relações subalternizadas, mal ou nada remuneradas e também pouco reconhecidas. É um trabalho “devorador de tempo e energia, e que limita a autonomia das mulheres e sua disponibilidade para atividades em outras dimensões da vida.” (HIRATA, 2022, p.28). Como nos ensinaram os movimentos feministas negros é preciso olhar para essa questão com a lente da interseccionalidade. Ou seja, entender as redes de cuidado (ou a ausência delas) envolve questões de gênero e raça. Envolve também o Estado, a construção de políticas públicas, a estrutura das famílias, a gestão dos cuidados com crianças e idosos, o cotidiano e uma série de camadas necessárias à continuidade da vida.

A crise descrita por diversas autoras como a *crise do cuidado* é mais uma expressão das contradições do sistema capitalista. Como ensina Nancy Fraser, “as pressões sobre o cuidado não são acidentais, mas têm profundas raízes sistêmicas na estrutura de nossa ordem social característica do capitalismo” (FRASER, 2020, p. 262). Esta crise do cuidado é caracterizada por uma grande sobrecarga de trabalho que recai sobre as mulheres, que exercem longas jornadas de trabalhos mal remunerados e, também, a maior parte do trabalho de cuidado, já que o déficit de assistência institucional não foi compensado pelo envolvimento dos homens no exercício destes trabalhos, mas com o aumento das funções exercidas pelas mulheres, seja de maneira não remunerada ou precarizada. Fraser, ao estudar a sequência de crises do capital, afirma ainda que desta vez a contradição está justamente na fronteira que, nos termos da autora, separa a ‘produção’ da ‘reprodução’ e esta sobrecarga acaba inviabilizando o próprio sistema que o capitalismo necessita para sobreviver.

Esta crise do cuidado também atravessa e é atravessada pela crise ecológica em curso. Na lógica do capital, o trabalho de cuidado ambiental garante a “manutenção dos recursos naturais a serem explorados.” Quando pensamos nos cuidados com as águas, por exemplo, o rio não corre se não for cuidado durante todo seu caminho. E no mundo danificado, são também as mulheres que assumem grande parte da liderança do que Fraser chama de “lutas fronteiriças”, as “lutas destinadas a emancipar as mulheres, os escravizados e os povos colonizados” (FRASER, 2020, p.26). Federici segue Fraser e afirma que:

⁵³ É por isso que algumas autoras caracterizam o trabalho de cuidado como trabalho de reprodução, aquele que reproduziria a vida, em contraposição ao trabalho que produziria lucro. Eu, no entanto, prefiro não me restringir a esta definição, mas utilizo estas noções para me ajudar a pensar sobre o que escrevo aqui. Agradeço principalmente a Daniela Faria e Núria Manresa pelas longas discussões sobre este assunto.



[51] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

As mulheres assumem papel central nas lutas sociais porque são as mais afetadas pela expropriação e pela degradação ambiental, sofrendo diretamente as consequências das políticas públicas em seu cotidiano. São elas que devem cuidar daqueles que adoecem por contaminação do petróleo, ou porque a água usada para cozinhar, lavar e limpar é tóxica. Elas não conseguem alimentar a família porque perderam suas terras e por causa do desmonte da agricultura local (Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2014). Portanto, as mulheres estão na linha de frente contra as corporações transnacionais de mineração e do agronegócio, que invadem as áreas rurais e devastam o meio ambiente. (FEDERICI, 2022, p.201)

Acredito que estes trabalhos de cuidado e de enfrentamento à destruição ambiental também possam ser pensados na lógica dos trabalhos de cuidado precarizados e não remunerados. Algumas alternativas da chamada “preservação remunerada” têm sido ensaiadas. Quais são as possibilidades de geração de renda para os cuidadores? Longe do Peruaçu, e perto de onde escrevo, o Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas começou a implementar o Programa Produtor de Águas da Bacia do Rio das Velhas. O programa, vai realizar o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) em Itabirito e é uma parceria entre o Subcomitê Rio Itabirito, a Prefeitura de Itabirito, a ONG internacional The Nature Conservancy (TNC) e a Coca Cola do Brasil.

A obtenção de recursos para projetos de cuidado ambiental é traiçoeira já que, muitas das vezes, as financiadoras de recursos são as maiores responsáveis pela destruição. O recurso vem acompanhado do controle e da garantia de manutenção do cuidado que indiretamente garante a manutenção da destruição. Negar estes recursos não é a saída. Mas talvez manter a lógica do cuidado não remunerado também não o seja. Como especula Fraser, a crise do cuidado não vai ser resolvida apenas com remendos na política social. Porém, é preciso especular e experimentar essas lógicas de reparação para conseguir imaginar formas de ultrapassá-las. Lembro-me aqui do ensinamento de Malcom Ferdinand: “ a escotilha do porão também pode ser quebrada do lado de fora” (FERDINAND, 2022, p.195)

Cuidar, no entanto, não é apenas um trabalho. É possível também pensar o cuidado enquanto uma disposição de habitar o mundo, e é esta a dimensão do cuidado que mais me interessa. Afinal, se um dos nomes do cuidar é habitar, quem tem tornado o mundo habitável? Como me ensina o Peruaçu, a floresta não é intocada, mas construída por muitas patas, asas e mãos. Entre as mãos humanas, muitas são de mulheres. Elas estão nos quintais, nas hortas, nos brejos, nos jardins e nos barrancos. Aqui, me parece que o cuidado encontra a outra dimensão mencionada por Bellacasa: a dimensão ético/política. Porque é o cuidado que também sustenta os mundos: os que existem e os possíveis. Esta disposição inclui também a necessidade de sustentar conexões e a capacidade de habitar o mundo na dissidência. E aqui, percebo mais um enfrentamento à lógica imperial, já que o cuidado não pressupõe o acerto ou a universalidade, mas experimentação e possibilidade. Relembro o ensinamento de Alana Moraes, “Pensar com cuidado é levar em conta cada situação particular, cada história de dificuldades, suas situações limites, mesmo quando essas preocupações não possuem a menor legibilidade nos marcos da ‘política’”. (MORAES, 2020, p. 340)

Quando me aproximo das práticas de cuidado com as águas, percebo que as redes de cuidadoras podem nos oferecer pistas de enfrentamento à individualidade capitalista. Retorno às imagens do Peruaçu e me lembro que fui apresentada a um casamento inusitado no brejo: Jequitibá e Jatobá [52].



[52] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Duas árvores majestosas que escolheram se entrelaçar. Brigitte Vasallo me recorda do toco vivo ao escrever sobre a bióloga Lynn Margulis que observa uma floresta de álamos com milhares de espécimes. Ela conta que a floresta pode parecer ser composta por “milhares de árvores separadas, mas abaixo da superfície, na zona invisível aos nossos olhos a floresta é uma estrutura interconectada de raízes contínuas que se estendem por quilômetros e se fundem por vários metros sob a terra” (VASALLO, 2022, p. 204). A floresta é essa interconexão invisível e quilométrica, mas as relações neoliberais acreditam que cada árvore é um ser independente, que não necessita dos demais. Estes viventes me convidam a pensar que, para dissolver as sobrecargas de cuidados, é também preciso repensar as formas como construímos nossas coletividades. Desativar o sistema de destruição capitalista passa, também, por deslocar a dependência dos “recursos naturais” para a interdependência entre viventes.

A narrativa da dependência dos “recursos naturais” interessa ao capital porque permite culpabilizar os indivíduos e exaltar soluções individuais que estão “ao alcance de qualquer um”. Nas discussões sobre a gestão das águas, por exemplo, é comum que se fale sobre a necessidade de economizar água nas casas para os tempos de seca, embora pouco se discuta sobre o controle de poços tubulares e outorgas⁵⁴. Ou que propagandas veiculadas nas grandes

⁵⁴ Esta questão é especialmente problemática no Peruaçu. A população ribeirinha sofre com a falta d’água enquanto grandes deslocamentos de água são feitos para atender os interesses de grandes empreendimentos.

mídias digam sobre a importância de fechar a torneira ao escovar os dentes, mas não mencionem os grandes gastos de água pela mineração ou pelo agronegócio. Federici aponta que o isolamento e a individualidade são intencionais na lógica capitalista, que “nos separa, individualiza nossos problemas e oculta nossas necessidades e sofrimentos.” (FEDERICI 2022, p. 270).

Exceder esta lógica rumo a interdependência de viventes exige um afastamento de muitos dos paradigmas modernos. A começar por contaminar nossas redes de cuidado com outros arranjos que não sejam centrados unicamente na família nuclear biológica. Como já nos ensinaram Federici, Hirata, Vasallo e tantas outras, esta é mais uma das estruturas que isola e sobrecarrega as mulheres. Núria, frequentemente compartilha comigo um antigo ensinamento das cuidadoras: “Duas pessoas é muito pouco para se cuidar de uma criança.” Hirata enfatiza em suas pesquisas que o cuidado se relaciona com a responsabilidade pelo outro, na mesma medida que nos ajuda a perceber a consciência da nossa própria vulnerabilidade. Seja pela consciência desta vulnerabilidade ou pela busca de alternativas à sobrecarga, são as mulheres as mais dispostas a construir redes. E são estas redes que tornam o mundo mais habitável. Estes novos arranjos parecem estar mais disponíveis a acolher viventes mais-que-humanos. Especialmente contaminada pelos ensinamentos de Donna Haraway, me lembro de seu convite para “fazermos parentesco estranhos” (HARAWAY, 2023, p. 13), ou seja, pensar nossas alianças além dos agrupamentos modernos. Estas alianças afrontam o sistema capitalista não apenas por romper com a separação entre Natureza e Humanidade, mas porque operam fora da zona do controle individual e estão mais disponíveis a assumir que “ser um é sempre um devir com muitos” (HARAWAY, 2022, p.10).

Ao me lembrar do ensinamento de Núria, entendo que também são muitas as cuidadoras de um rio. Nas práticas de cuidado com as águas, a composição de cuidadoras se torna tão importante como a dos modos de cuidado. Técnicas, ribeirinhas, pesquisadoras, plantas e animais não humanos, se embaraçam na tentativa de construção de uma rede rizomática para “resistir a violência individualista” (VASALLO, 2022, p. 19). Ao avesso das engrenagens modernas, essas redes operam melhor quando não tentam apaziguar os conflitos. Novamente seguindo os aprendizados de Haraway, a tentativa é de “ficar com o problema” e encarar negociações. A construção destas redes e negociações demanda tempo e disposição. E como lembra Vasallo, nem sempre estamos dispostas a fazer este esforço. (VASALLO, 2022, p. 20).

Desde que conheci virtualmente Nelinda, todas suas mensagens se encerravam com um convite para conhecer o brejo. Lembro-me de me sentir atravessada por sua disponibilidade (mesmo durante a pandemia da COVID-19) em abrir sua casa para alguém que ela acabara de conhecer. A vontade de Nelinda de conversar comigo a fez se deslocar pela estrada de terra até a escola para que pudesse ter acesso a internet. Esta vontade se tornou, também, disponibilidade de construir uma amizade e, mesmo a distância, de manter ativa a rede que construímos. Nosso embaraço me motivou a aprofundar meus vínculos com o Peruaçu. Percebo aqui que a construção destas redes exige não apenas abertura ao encontro, mas disposição para sustentar as conexões.

Estas conexões não se sustentam sem afeto e imagino que possa ser por isso que Ailton Krenak escolhe chamar suas companheiras de *alianças afetivas*. Krenak, em conversa com Marisol de la Cadena, me ensina que as alianças afetivas nos ajudam a “imaginar afetos entre mundos que não são iguais” (KRENAK, 2021, p.416). Habitando estas diferenças de modo afetivo, o cuidado “nos ajuda a imaginar mundos.” (MAIZZA, 2020, p.225). Aqui, me encontro com a outra dimensão do cuidado mencionada por Bellacasa: o afeto. Este afeto que, como aprendi com

de la Cadena, permite compor alianças que não se desfazem com a diferença (CADENA, 2021, p.418). E então, me permitindo parafrasear Krenak⁵⁵, nos deixa experimentar o encontro com o rio não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ele não apenas é uma pessoa, mas também tem a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse “nós” possível que pode ser abordado de diferentes lugares e de diferentes maneiras desconcerta a centralidade do especismo humano.

Na despedida, assim como na primeira vez que nos encontramos, Nelinda e eu nos abraçamos e agradecemos pela companhia partilhada nos dias em que estivemos juntas. Junto dos aprendizados do brejo, trouxe para Belo Horizonte uma sacola com sementes e raízes do quintal. Sempre que as plantas florescem ou a saudade aperta, envio fotos e começamos novas correspondências.

O cuidado com a horta é o que Nelinda faz com mais apreço. Nem todas as plantas são cultivadas no mesmo lugar. Algumas espécies são plantadas perto da casa, outras no brejo e existem, ainda, as que são cultivadas na agrofloresta construída com ensinamentos de outros pesquisadores que já estiveram por lá. Nelinda me disse que gostaria de poder se dedicar por mais tempo aos cuidados das plantas, mas os afazeres da casa tomam muito de seus dias. Mas ela faz questão de distribuir as mudas do quintal e, mesmo na pressa da despedida, enchemos a sacola. “Uma folha, uma cabaça, uma concha, uma rede, uma tipoia, um saco, uma garrafa, um pote, uma caixa, uma bolsa. Algo que guarde. Um recipiente.” Le Guin, me ensina a importância das cestas, que como as sacolas, não apenas armazenam, mas liberam as mãos dos cuidadores (MANRESA, 2023, p.17), e sustentam cotidianamente alianças.

⁵⁵ Krenak diz: “Experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não apenas é uma pessoa, mas também tem a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse “nós” possível pode ser abordado de diferentes lugares, de diferentes maneiras, desconcerta a centralidade do especismo humano”. (KRENAK, 2021, p.417).



[53] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.



[54] Fotografia autoral. Vale do Peruaçu. Março de 2022.

PARTE 6:
REPARAÇÃO

A minha planta preferida do quintal de Nelinda ainda não se adaptou bem por aqui. Sigo insistindo em seu cultivo e seguindo os conselhos que eu também trouxe na sacola. Nelinda pede que não me entristeça e que retire o excesso de plantas de seu entorno, para que cada muda possa vingar a sua vez. Em sua agricultura da abundância, não é preciso ter pressa e deve-se esperar o tempo para cada planta se fortalecer antes de multiplicar os cultivos. Lembro de Brigitte Vasallo e penso que o cuidado, como afeto, afronta “os sistemas com nossa vida a partir de nossas pequenezas desafiadoras” (VASALLO, 2022, p. 208).

Algumas das plantas que trouxe do sertão andam tristonhas em minha varanda. Imagino que elas sentiram muito com a mudança forçada. Se antes o despertar vinha com os passarinhos que visitavam o quintal no Peruaçu, agora vem com o ranger das pilhas de destroços que se acumulam no lote à frente da minha casa. Ele está em reforma, ali será instalado um grande centro comercial que já acumula, como rastro, uma casa restaurada (depois de muita insistência do Ministério Público), uma escola derrubada e muitas movimentações de terra. Ao alcance dos olhos está também o rio Arrudas, soterrado [54]. Quando o trem passa, sinto a casa tremer, e imagino que as águas também devem se balançar, mesmo encaixotadas. Olho para o rio escondido e para a cidade de onde comecei a escrita deste texto e me dou conta que moro à mesma distância do Arrudas que Nelinda e Sr. Zé do Peruaçu.

Neste trabalho, tentei descrever os nós que tecem as redes de cuidados com as águas que encontrei, e imaginar uma composição de cuidados acadêmicos, técnicos e brejeiros. Entendi que balançar a estrutura tortuosa do cuidado com o nosso mundo danificado é o que pode permitir que os rios e suas cuidadoras tomem fôlego.

Nas margens dos rios, o cuidar assume a forma do como e com quem habitar. Não basta viver próximo ao rio, é preciso viver com o rio. Embora eu more próxima ao Arrudas, não habito suas margens, seu leito ou suas águas. Avizinhar a cidade e o rural; o Peruaçu e Belo Horizonte; e investigar a trajetória histórica das políticas de conservação e construção dos parques me ensinou que as práticas de cuidado que atuam sobre um rio na zona rural no Norte de Minas têm uma relação direta com a forma como a cidade é produzida, afinal determinar certos locais como “Unidades de conservação” é, também, uma forma de manter a divisão do mundo entre áreas que serão conservadas e áreas que serão danificadas.

Aprendi com Bispo que não é possível discutir ecologia sem discutir arquitetura (BISPO, 2023, p.100). Construo aqui uma aproximação curiosa, mas me lembro de quando Wellington Cançado me apresentou a um momento especial de Lina Bo Bardi. Em 1975, ao trabalhar junto às moradas ribeirinhas na beira do São Francisco em Propriá, Sergipe, a arquiteta relata que: “Para um arquiteto, o mais importante não é construir bem, mas saber como vive a maioria do povo.” (ORTEGA, 2008, p. 284)

O modo de viver e cuidar com ribeirinho abre espaço para que os outros viventes lhe façam companhia, construindo, assim, formas de habitar que embarçam o modo imperial de estar no mundo. Entendi que nestas composições de cuidado e morada não se busca apaziguar diferenças, mas sim construir, na dissidência, mundos habitáveis. Porém, os viventes humanos e mais-que-humanos que tem tornado o mundo habitável tem podido habitá-lo?

As comunidades extrativistas, por exemplo, lutam por um lado contra os interesses do capital e a especulação imobiliária e, por outro, contra os modelos de “Unidades de conservação” que restringem o acesso ao que se

chama de bens comuns. A restrição ao acesso vem sob o pretexto de cuidar do que é “comum”. Marisol de la Cadena e Mario Blaser me fizeram desconfiar não só de um repertório de cuidado comum, mas também da existência do mundo comum enquanto um terreno partilhado. O cuidado moderno e imperialista com os bens comuns nomeia, define, cria limites e restringe o acesso. Neste processo, muitas vezes, se desconsidera um modo de ser e se relacionar com as naturezas que é delas indissociáveis.

Nesses conflitos, “o que está em jogo não é somente a multiplicidade ontológica, mas também as múltiplas formas de fazer mundos, mundos que às vezes podem coexistir, mas em outras ocasiões se interrompem mutuamente” (BLASER, 2018, p. 35). Para além dos limites imperiais, a catástrofe ecológica parece fazer emergir a necessidade de borrar definições e alargar nossa inventividade política de forma a conseguir acomodar muitos modos de cuidar.

Anna Tsing, ao escrever sobre as Artes de Notar (TSING, 2015) me ensinou que a batalha entre natureza e desenvolvimento foi posteriormente substituída pela batalha entre meio ambiente e empregos. Este é atualmente um dos grandes discursos das regiões de mineração, por exemplo. Para enfrentar articulações tão grandes quanto a mineração, o agronegócio e a pecuária são necessárias leis robustas e eficazes, mas também é preciso que estes mecanismos consigam não apenas proteger as práticas de cuidado cotidianas, mas permitir a intrusão destas práticas dentro das lógicas institucionais.

Entre o apocalipse e a resignação, a ameaça do fim deste mundo parece paralisar alguns e mover alguns poucos outros. Já não resta dúvida de que é preciso manter os peixes nos rios, os rios na terra, o petróleo no solo e a floresta de pé. Porém, não é mais suficiente deixar de destruir, é preciso reparar. A reparação é física, histórica, política e, porque não, epistemológica. Algumas pesquisadoras têm utilizado a palavra *reclaim*. “Este termo, cultivado por ativistas americanas, é um testemunho da sua filiação nas lutas feministas. Combina os temas ativos e inventivos da luta e do cuidado. Não se trata apenas de recuperar aquilo de que se foi separado, mas de ‘curar’ os efeitos desta separação.” (STENGER, DESPRET, 2014, p. 154)

Ariela Azoulay provoca a pensar que não é apenas preciso reparar, mas também revogar o direito originário de destruir (AZOULAY, 2019). A autora afirma ainda que “o direito de cuidar do mundo partilhado não deve ser concebido como novos direitos, mas antes assumido como direitos preexistentes que foram violados quando os mundos começaram a ser destruídos.” (idem, p.544) É também Azoulay que me convida a pensar que a reparação pode estar inclusive, no modo como utilizamos as ferramentas imperiais. As fotografias, que foram historicamente perpetuadoras de violências, podem ser uma forma de cuidar do mundo partilhado? Transitei entre “arquivos frouxos” não com o objetivo de responder a esta questão, mas de habitá-la. Na companhia da câmera e de minhas companheiras, pude me deslocar entre os papéis do evento fotográfico, ora como espectadora, ora como fotógrafa ou fotografada. Ao me deslocar entre estes papéis, percebi que minhas certezas também se deslocaram. As imagens ajustaram meu olhar e, em um movimento de troca, experimentei reajustá-las. Experimentei interferir nas imagens e, ainda, fabular sobre fotografias que ainda não foram feitas, como as do Caboclo d’água. Entendi que as imagens ganham outros contornos junto de suas histórias e é importante adicioná-las junto ao evento fotográfico.

Muitas vezes, histórias das práticas cotidianas como as do cuidado são deslegitimadas por se acreditar que se

trata de um contexto específico, enquanto o que interessa à ciência das grandes divisões são as soluções para problemas universais e replicáveis. Como observa Alana Moraes ao seguir Federici (2002), “é justamente através das atividades cotidianas pelas quais produzimos nossas existências que podemos refletir e experimentar nossas capacidades de cooperar, aprender a refazer um mundo despedaçado como um espaço de criação, cuidado e aprendizado – aqui estaria o ‘ponto zero’ da prática revolucionária.” (MORAES, 2020, p. 245). São também as histórias que sustentam mundos, os que existem e os que poderiam existir, e se a história do progresso tem sido narrada de forma incansável, é preciso também narrar as histórias do avesso do progresso, de maneira incansável. Como suspeita Haraway:

Eu acho que nós sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias, por meio de uma resistência feroz, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo de novo, e de que nós simplesmente nos recusamos a ir embora. Que nós somos uns (com) os outros, que realmente podemos, e devemos apelar uns aos outros para termos força, o que inclui força e luto, cuidando das feridas de cada um. E contar histórias é uma das nossas capacidades mais preciosas.

(HARAWAY, 2018)

São estas coleções de histórias que me fazem construir um repertório de práticas que balança o modo de cuidar imperial pautado em soluções únicas. Os colapsos mundanos não atingem igualmente todas as gentes humanas. São os viventes mais-que-humanos e as mulheres que assumem centralidade nas práticas de cuidado com o mundo danificado, embora poucas delas estejam nos lugares de decisão. Não basta cuidar, é preciso também fazer a gestão do cuidado e pensar maneiras mais justas de retribuir o trabalho, o afeto e a disposição das cuidadoras.

O que pode esta composição de cuidados e cuidadoras juntas? Escutando Priscila Musa, me pergunto: como deixar os cuidados hegemônicos nas margens para que possam virar adubo? Como compostar práticas para tornar o cuidado fértil? Quando torço a lógica imperial de “cuidar”, percebo que como em uma rede de interdependência, não nos resta outra saída a não ser nos arriscar viver em companhia das águas. *Arriscar*, porque o cuidar em companhia dos mais-que-humanos não é algo sempre prazeroso, mas, como também percebeu Moraes, é algo que implica “correr riscos, e não ‘restaurar’ um certo ordenamento” (MORAES, 2020, p. 291).

Este texto caminhou comigo seguindo os trânsitos dos encontros que os avizinhos entre as imagens me proporcionaram. Certas vezes raivoso, certas vezes custoso e outras emocionado. As reflexões que desenhei aqui não pretendem ser exaustivas. Não desafiei tecer soluções políticas ou imagéticas, porque entendi que este foi um trabalho de hesitação, onde procurei suspender minhas certezas e me encontrei com o possível. Também busquei (entre tropeços inevitáveis de parcialidade) não elencar estas práticas entre melhores e piores, mas construir um embaraço de possibilidades. Afinal, este é um texto que nasce no brejo e, por isso, é como lama. Não como aquela lama tóxica da mineração que devasta rios e comunidades, mas como aquela em que o lírio floresce, onde terra e água se misturam de maneira que não é mais possível ver cada uma. Porque não existe uma forma única de cuidar do mundo danificado – o que existe é a urgência.

“A menina, entretida no silêncio que era seu, começou a perceber a voz densa do rio, apurando os ouvidos, colocando-os entre as conchas das mãos, para escutá-lo melhor, tentando entender o que dizia. A voz atravessava distâncias, grossas paredes, massas de ar gelado. No começo, não havia nenhum som que pudesse distinguir como palavra, fluss-fluss-fluss, era o que ouvia, som comum de correnteza. Mas não demorou para que as águas se fizessem minimamente inteligíveis.

Pode me chamar de rio, odo, Fluss, river, rivière, flumine, fluxo de água rasgando a terra como a trajetória de sangue em um corpo animal. Pode me chamar de água. E água é tudo e está em tudo que compõe este mundo. Aqui neste lugar, me chamam Isar, Isar Fluss. Esse nome significa torrente, e por ser torrente um nome de mulher eu sou Isar, rio-fêmea. E, embora os homens pouco atentem a isso quando nos nomeiam, há outros rios fêmea como eu, como o seu Paranáhuzú. Fossem as mulheres a dar nomes às coisas, cidades, rios, passagens, montanhas, talvez percebessem melhor que nem tudo no mundo é definido como macho. Mas de fato pouco importa o nome que me dão, porque Eu sou.”

(VERUNSCHK, 2021, p.56)



[55] Fotografia autoral. Belo Horizonte. Setembro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto; MARTÍNEZ, Esperanza; MACAS, Luis; MELO, Mario; TAVARES, Paulo. **Direitos não humanos**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 10, página 02 - 09, 2017.

AHMED, Sara. **“Estraga-prazeres feministas e outras sujeitas voluntariosas”**. In: Dos- siê Crise, Feminismo e Comunicação, ISSN: 2175-8689 – v. 23, n. 3, 2020. Acessível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br>

ALMEIDA, Rogério de Araújo; OLIVEIRA, Luiz Fernando Coutinho de; KLIEMANN. **Eficiência de espécies vegetais na purificação de esgoto sanitário**. Goiânia, 2007

ARAUJO, Nadya Guimarães, Bruna Angotti, Regina Stela Corrêa Vieira, (org). **Cuidar, verbo coletivo: diálogos sobre o cuidado na pandemia da Covid-19**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2021.

Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Escolas da Terra. Saberes Tradicionais UFMG, 2021. Disponível em: <https://www.saberestradicionais.org/artes-e-oficios--dos-saberes-tradicionais-escolas-da-terra/>

AZOULAY, Ariella Aïsha. **A fotografia cativa**. ZUM Revista de Fotografia , 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/a-fotografia-cativa/>

AZOULAY, Ariella Aïsha. **Desaprendendo a origem da fotografia**. ZUM Revista de Fotografia 17. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora (2019)

AZOULAY, Ariella Aïsha. **Potential History Unlearnig Imperialism**. London: Verso Books, 2019

AZOULAY, Ariella Aïsha. **What is a photograph? What is photography?**, Philosophy of Photography 1: 1, pp. 9–13, doi: 10.1386/pop.1.1.9/7, 2010

BABAU, Cacique. **Retomada**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 13, página 98 - 105, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Chãos: sobre filme de Camila Freitas**. Catálogo 23o Fórumdoc. Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Somos da terra**. PISEAGRAMA. Belo Horizonte, no 12, 2018. p. 44-51.

BLASER, Mario; CADENA, Marisol de la. **Os incomuns**. Piseagrama, Belo Horizonte, no 15, 2021, p. 74-83.

BLASER, MARIO. **Uma outra cosmopolítica é possível?** Rau: Revista de @ntropologia da UFSCar, São Carlos, volume 10 (2), p. 14-42, 2018.

BRASIL, André. **Uma história dos cantos: levantes da floresta**. In: Leandro Lage. (Org.). **Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas**. 1ed.Salvador: Edufba, 2021, v. 1, p. 287-308.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000**; Decreto no 4.340, de 22 de agosto de 2002; Decreto no 5.746, de 5 de abril

de 2006.

BRUNO, Fabiana. **Potências da experimentação das grafias no fazer an- tropológico: imagens, palavras e montagens.** Tessituras: revista de Antro- pologia e Arqueologia. v. 7, p. 198-212, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana, et al. **Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.** São Paulo: Ubu Editora, 2020

CAMPOS-SILVA, João Vitor. **O peixe da mudança.** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 15, p. 84-92, dez. 2021.

CANAL MIS BH. **Enchente no Córrego do Leitão - Belo Horizonte.** Canal MIS BH. 1 vídeo 53s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBaQrHhxdg> Acesso em: 10 set. 2022.

CANÇADO, Wellington. **Floresticidades: o potencial urbano das florestas antropogênicas.** Belo Horizonte, 2019.

CANÇADO, Wellington. **O que diriam as árvores?** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, nú- mero 11, página 118 - 125, 2017.

CANÇADO, Wellington. **Viver com nada.** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 36-43, ago. 2018.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses.** Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

COIMBRA, Paulo Ricardo de Andrade. **Desterritorialização e conflitos em parques de Minas Gerais.** Dissertação de mestrado. São João del-Rei. Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeog), 2019

COSTA, Alyne. **“Ecologia e resistência no rastro do voo da bruxa: a cosmopolítica como exercício de filosofia especulativa”.** In: Análogos, 2017, n. 1, ISSN 2526-7698.

COSTA, Alyne. **Negacionistas são os outros.** Piseagrama, Belo Horizonte, no 15, 2021, p. 64-73.

COSTA, Alyne. **Quantas imagens um lago pode refletir?** Outras palavras, Brasil, 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/terraeantropoceno/quantas-imagens-um- -lago-pod e-refletir/>.

CÓRREGOS vivos. **Correspondências.** Disponível em: <https://www.corregosvivos.com.br/correspondencias>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CUIDAR VERBO COLETIVO: **Hora de (re)partir.** [Apresentação e produção de]: Bruna Angotti e Regina Viera. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episo-de/0wRBpretBFm57CZ9ZcDwlv?si=8N7BTCvHSxCq6D WL8RX1w>. Acesso em 25 de março de 2021.

CUIDAR VERBO COLETIVO: **(des)valor do cuidado** [Apresentação e produção de]: Bruna Angotti e Regina Viera. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0VNO8NTSZPq8HLcL8f2HGGA?si=DPEzJ09IR9ucHsYWg2GpsA>. Acesso em 25 de março de 2021.

DANOWSKI, D. **Entrevista [jan 2019]**. Entrevistador: Ricardo Machado. São Leopoldo, 2019. Entrevista disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585821-ha-mundo-por-vir-a-necessidade-de-pensar-o-impossivel-en-trevista-especial-com-deborah-danowski>.

DANOWSKI, D. ; ROMERO,R. **O mundo sem nós**. Avizinhar Fabulações. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021, p.168-175.

DANOWSKI, D. ; VIVEIROS de CASTRO, E. Humanos e terranos na guerra de Gaia. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie. Instituto Socioambiental. 2014, p. 107- 142.

DE LA CADENA, Marisol. **“Natureza incomum: histórias do antropo-cego”**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 95-117, 2018.

DE LA CADENA, Marisol. 2015. **Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds**. Durham and London: Duke University Press.

DESEXTINÇÃO. **Como renascem os rios? Diálogo entre Camilla Brito, Itamar de Paula, Nelinda Gonçalves de Macedo e Zé Torino (José Aparecido de Macedo)**; Mediação de Roberto Andrés. Diálogo 4 do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021. 1 vídeo 1 h 06 min 12. Disponível em:<https://seresrios.org/evento/desextincao/>.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** Tradução: Letícia Mei; Prefácio: Bruno Latour; Desenhos: João Loureiro. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ESCOLAS da Terra____. **Aula Online 06 Escola das Águas e das Marés** 02 mar. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Canavieiras; Itaparica: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo 3 h 21 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkQWuI-SAiM&t=2s>.

EXPOSIÇÃO - **Os Cinejornais em Belo Horizonte** - Sala C (Rios Urbanos). Canal MIS BH. 1 vídeo 7min 53s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G4V7-PQHCCU>. Acesso em: 10 set. 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. Être A ecté. In: Gradhiva: Revue d Histoire et d Archivesde l Anthropologie, 8. pp. 3-9.

FEDERICI, Silvia. **“O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista”**. 1 ed. São Paulo: Elefante, 2019a.

Feminismo, comuns e ecossocialismo, Silvia Federici e Sônia Guajajara. 2020. 1 vídeo (1h 58 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zYa_RP5BuZc. Acesso em: 25 de março de 2021.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FRASER, Nancy. **Contradições entre capital e cuidado**. Tradução de José Ivan Rodrigues de Sousa Filho (PPGFil/UFSC), a partir do original FRASER, Nancy. Contradictions of capital and care. *New Left Review*, v. 100, 2016, p. 99-117. 2020

GIOVANAZ, Daniel. **Estrangeiros controlam ao menos 17 mil hectares de unidades de conservação no Brasil**. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 7 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/01/07/estrangeiros-controlam-ao-menos-17-mil-hectares-de-unidades-de-conservacao-no-brasil/> Acesso em: 4 de set. de 2023.

HARAWAY, Donna. **Isso parte meu coração**. Revista DR, 2018. Disponível em: <http://www.revista-dr.com.br/grito/isso-parte-meu-coracao>. Acesso em: 4 de set. de 2023.

HARAWAY, Donna. **“Otherworldly Conversations; Terran Topics; Local Terms**. *The Haraway Reader*, New York,, p. 125-150, 2003.

HARAWAY, DONNA. **Quando as espécies se encontram**. Tradução de Juliana Fausto, Título original: *When Species meet*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 416pp.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu* (5), Campinas/Unicamp, p. 7-41, 1995.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Fósforo Editora, 2019.

HARTMAN, Saidiya; Tradução Sousa, Fernanda Silva e, RIBEIRO, Marcelo R.S. **Vênus em dois atos**. *Revista Eco-Pós*, 23(3), 12 - 33, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Intimate History, Radical Narrative**, 2020. Disponível em: <https://www.aaihs.org/intimate-history-radical-narrative> Acesso em: 5 de mai. de 2023.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. 1a ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

HIRATA, Helena. **O trabalho de cuidado**. Comparando Brasil, França e Japão. *SUR* 24, v. 13, n. 24, 2016, p. 53-64

INSTITUTO BRIPTÓPICOS. **Mamíferos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu**. Instituto Biotropicos. 1 vídeo 5 min 28s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uOmUmo7EU6w> Acesso

em: 10 set. 2022.

KAPP, Silke. **Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.20, n.2, maio-agosto, 2018, p.221-236.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem.** Série Cadernos Selvagem. Dantes Editora Bios- fera, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção.** São Paulo: n-1, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MANCUSO, Stefano. **A planta do mundo.** Traduzido por Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2021

MANZUÁ. **Plantadores de água.** Disponível em: <https://manzua.eco.br/revista/plantadores-de-aguas/>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

MARQUEZ, Renata M. **A língua das onças e das lontras.** Arte e Ensaios, PPGAV/EBA/ UFRJ, vol. 26, n. 40, jul./dez. 2020.

MARQUEZ, Renata. **Apagamentos.** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 2, p. 26-27, abr. 2011.

MARQUEZ, R. M.; GALUPPO, A. ; ROCHEBOIS, L. ; MUSA, P. M. . **Três fotografias.** In: Junia Cambraia Mortimer; Washington Drummond, (Org.). Entre imagem e escrita : Aracy Esteve Gomes e a cidade de Salvador. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2020, v. , p. 354- 373.

MARQUEZ, Renata. **Por que aproximar mundos?** [online]. Disponível em <http://bdmgcultural.mg.gov.br/educativo-conteudo/por-que-aproximar-mundos>. Acesso em: 7 de out. de 20230.

MARQUEZ, Renata. **Quase-etnografa-etc..** Revista Mundaú, p. 209-233, 2020. MOLLOY, Sylvia. Viver entre línguas. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

MORAES, Alana. **Experimentações Baldias & Paixões de Retomada – Vida e Luta na cidade-acampamento.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MORAIS, Marco Túlio Souza. **Os rios em detrimento do moderno: A operação BH Nova 66 e as águas de Belo Horizonte.** V Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Universitária. VIII Semana da responsabilidade social e extensão universitária. Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte, 2020.

MOULIN, Gabriela. et al. **Avizinhar Fabulações**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021.

MUSA, Priscila. **Quem vê cara, não vê ancestralidade: arquivos fotográficos e memórias insurgentes de Belo Horizonte**. 249pp. (Teoria, produção e experiência do espaço. Linha de pesquisa Teoria e história da arquitetura e do urbanismo e suas relações com outras artes e ciências). Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

MONTE-MÓR, Roberto. **Utopias Urbanas e Outras Economias**. 2018.

NEDER, Vinicius. **Agropecuária fica com 97,% do consumo total de água em 2017, revela IBGE**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/05/07/agropecuaria-fica-com-974-do-consumo-total-de-agua-em-2017-revela-ibge.htm> Acesso em: 20 set. 2023.

NEVES, Eduardo Góes. **Ancestrais da floresta: arqueologia brasileira** | Fruto 2019. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvgJbD8FG-o&t=18s>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

NEVES, Eduardo Goes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história da Amazônia Central**. São Paulo: Ubu Editora. 2022

PANEZ, Alexander Pinto. (2018). **Agua-territorio en América Latina: contribuciones a partir del análisis de estudios sobre conflictos hídricos en Chile**. Rupturas, 8(1), p.201- 225. Costa Rica, 2018.

PELOS rios dos céu. **Como confluem águas e saberes? Diálogo entre Antônio Bispo dos Santos e Margi Moss; Mediação de Fernanda Regaldo**. Live do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021.

POLÍTICAS cósmicas. **Como viver sem o rio? Como viver com a Terra? Como viver no mesmo planeta? Diálogo com Ailton Krenak e Marisol de la Cadena; Mediação de Ana Gomes**. Diálogo de abertura do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021. 1 vídeo. 1 h 37 min 20. Disponível em: <https://seresrios.org/evento/politicas-cosmicas/>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. **Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2017

PUIG De BELLACASA, Maria. **Nothing comes without its world: thinking with care. The Sociological Review, Oxford, v.60, n.2, 2012**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263529571_'Nothing_comes_without_its_world'_Thinking_with_care.

RIOS sujeitos de direitos. **O que pensam os rios? Quem fala em seu nome? Diálogo entre Eloy Terena, Paulo Tavares e Tatiana Ribeiro de Souza; Mediação de Wellington Caçado**. Diálogo 6 do festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021. 1 vídeo 1 h 43 min 55. Disponível em: <https://seresrios.org/evento/rios-sujeitos-de-direitos/>.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2013. 430 pp.

TINTA, La. Silvia Rivera Cusicanqui **Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano**. 17 de fev. de 2019 Disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena>. Acesso: 20 de set. de 2023

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 281 pp.

TSING, Anna. **O Antropoceno mais que Humano**. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

TV UFMG. **Ciclo UFMG, 90: Desafios Contemporâneos - Eduardo Viveiros de Castro**. Youtube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Pfe54pj1wU. Acesso em: 15 de mar. de 2020.

SABERES TRADICIONAIS. Disponível em <https://www.saberestradicionais.org>. Acesso em: 01 de mai. de 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SEPÚLVEDA, Rogério, LEMOS, Rodrigo. **Reconhecimento e valorização dos “cuidadores” de nascentes urbanas nas sub-bacias dos Ribeirões Arrudas e onça/ bacia do Rio das Velhas/MG**. IX Encontro Nacional de Águas Urbanas. Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Marília Raiane Rodrigues. **Nas margens do rio Peruaçu: a apropriação da natureza e a natureza das práticas**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2021.

SPENCE, Mark. **Dispossessing the Wilderness: Indian Removal and the Making of the National Parks**. The Western Historical Quarterly, 2020

STENGERS, Isabelle; DESPRET, Vinciane. **Women Who Make a Fuss**. Tradução de April Knutson. Minneapolis: Univocal Publishing, 2014

VASALLO, Brigitte. **Desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos**. 1 ed. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

VERUNSCHK, Michelyny. **O som do rugido da onça**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

WWF- Brasil. **Pesquisas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - Armadilhas Fotográficas**. WWF-Brasil. 1 vídeo. 1 min 20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6uiOS3aKdw&t=79s> Acesso em: 10 set. 2022.

